



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

BEATRIZ DE MEDEIROS SILVA

**PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E IMPRENSA REGIONAL:
CONTEXTO E TÉCNICAS DE RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO
APLICADAS AO JORNAL DO CAETÉ, BRAGANÇA-PA**

Brasília, DF
2019

BEATRIZ DE MEDEIROS SILVA

**PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E IMPRENSA REGIONAL:
CONTEXTO E TÉCNICAS DE RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO
APLICADAS AO JORNAL DO CAETÉ, BRAGANÇA-PA**

Monografia apresentada como requisito básico para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes

Brasília, DF
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MS586p Medeiros Silva, Beatriz
PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E IMPRENSA REGIONAL: CONTEXTO E
TÉCNICAS DE RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO APLICADAS AO JORNAL DO
CAETÉ, BRAGANÇA-PA / Beatriz Medeiros Silva; orientador
Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes; co-orientador Silmara
Küster de Paula Carvalho. -- Brasília, 2019.
123 p.

Monografia (Graduação - Biblioteconomia) -- Universidade
de Brasília, 2019.

1. Jornal do Caeté. 2. Bragança - PA. 3. Papel. 4.
Conservação. 5. Restauração. I. de Abreu Gomes, Dra. Ana
Lúcia , orient. II. Küster de Paula Carvalho, Silmara , co
orient. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E IMPRENSA REGIONAL: CONTEXTO E TÉCNICAS DE RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO APLICADAS AO JORNAL DO CAETÉ, BRAGANÇA-PA

Autor(a): Beatriz de Medeiros Silva

Monografia apresentada em **13 de dezembro de 2019** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Ana Lúcia de Abreu Gomes

Membro Interno (FCI/UnB): Rodrigo Rabello da Silva

Membro Interno (FCI/UnB): Silmara Küster de Paula Carvalho

Em 21/12/2020.



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Rabello da Silva, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 21/12/2020, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Silmara Kuster de Paula Carvalho, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 21/12/2020, às 13:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Beatriz de Medeiros Silva, Usuário Externo**, em 21/12/2020, às 14:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia de Abreu Gomes, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 21/12/2020, às 14:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6121922** e o código CRC **57C8D5EF**.

Para minha família, para meus amigos, minha amada avó Elza Medeiros e para meu querido avô Celso Medeiros (*in memoriam*), com muito amor e saudade, este último, minha maior inspiração.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que me deu saúde e forças para superar todos os momentos difíceis que eu me deparei ao longo da minha graduação.

A minha Avó Elza Medeiros, minha maior incentivadora para conclusão deste trabalho e que sempre esteve ao meu lado em todas as etapas da minha vida sempre com seu amor incondicional.

À toda minha família e amigos que ao longo desta etapa, me encorajaram e me apoiaram, fazendo com que esta fosse uma das melhores fases da minha vida. Ainda mais, agradeço por me incentivarem a ser uma pessoa melhor e não desistir dos meus sonhos.

A todos os funcionários da instituição de ensino UnB, por todo apoio e por proporcionaram um ambiente propício para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso.

Deixo também um agradecimento especial aos meus professores, que estiveram comigo passando conhecimento, durante toda a graduação.

Quero agradecer à minha professora orientadora Ana Lúcia de Abreu Gomes, pelo empenho dedicado ao meu projeto de pesquisa e a professora Silmara Küster de Paula Carvalho pela dedicação do seu escasso tempo a me auxiliar com muita paciência e empenho em todas as etapas realizadas no laboratório de conservação. Ao Prof. Dr. Rodrigo Rabello agradeço pelas sugestões fundamentais ao texto final dessa monografia.

E o agradecimento mais especial, ao meu querido avô Celso Medeiros (*in memoriam*), que me deixou de herança essa maravilhosa coleção “Jornal do Caeté” com a qual tive o privilégio de trabalhar nesse projeto de pesquisa e que além de tudo me possibilitou conhecer mais sobre a história da minha família. Sei que onde você estiver, está vibrando comigo por mais essa conquista. E estou especialmente orgulhosa por ter cumprido conforme me pediu um dia, para que quando não estivesse mais entre nós, que eu não deixasse que essa coleção tão importante para você, nossa família e sua amada terra natal Bragança fosse jogada fora ou se perdesse. Sinto uma missão cumprida, por ter dado um pequeno passo rumo a preservação e perpetuação do seu querido Jornal do Caeté! Saudades eternas Vô...

“As memórias são as adegas da mente.”

FELIX TIMMERMANS

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso de biblioteconomia, aborda as perspectivas sobre a memória e conservação do *Jornal do Caeté*, outrora impresso em Bragança, no estado do Pará. O jornal possui esse nome em homenagem ao rio que margeia a região, chamado de Rio Caeté. Inicialmente, no primeiro capítulo, abordar-se-á a história do veículo impresso jornal e em seguida, uma breve história sobre a imprensa brasileira. Abordar-se-á também, ademais a importância da imprensa, e do jornal como fonte de pesquisa e memória. Ademais, será abordada a história e as fases do *Jornal do Caeté* valendo-se, dentre outros recursos, de imagens e manchetes da época, sem prescindir de mostrar o impacto que o *Jornal do Caeté* causou na imprensa e na sociedade bragantina. No segundo capítulo abordar-se-á mais afundo sobre a trajetória da coleção *Jornal do Caeté*, sobre aspectos quantitativos da coleção assim como seu atual estado de conservação. E, por fim, será realizado um estudo de caso em laboratório com o intuito de buscar uma solução adequada de tratamento. Descrever-se-á, as etapas do processo realizado em laboratório, para a obtenção da melhor solução para conservar as edições do *Jornal do Caeté*, haja vista sua importância histórica.

Palavras-chave: *Jornal do Caeté*. Bragança. Sociedade bragantina. Papel. Conservação. Restauração.

ABSTRACT

This paper concludes the librarianship course and discusses the perspectives on the memory and conservation of *Jornal do Caeté*, which was issued in Bragança, Pará state. The newspaper is named after the river in the region, called from Rio Caeté. Initially, in the first chapter, will be addressed about the history of the newspaper, then a brief history about the Brazilian press. It will also be seen, about the importance of the press, the newspaper as a source of research and memory. Even more, it will be covered about the history and phases of *Jornal do Caeté* with images and headlines. Not forgetting to show the impact that *Jornal do Caeté* had on the press and on Bragantina society. The second chapter will talk about the trajectory and the collection of editions of *Jornal do Caeté*. And finally, a study will be done in the laboratory, showing definitions of the paper, its conservation, preservation and restoration, coming from external, internal, physical, chemical and mechanical agents, in order to find a suitable treatment solution. Thus describing, in stages, the whole process, carried out in the laboratory, to obtain the best solution to preserve the editions of *Jornal do Caeté*, given its importance in history.

Keywords: Caeté Newspaper. Bragança. Bragantina society. Paper. Conservation. Restoration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do município de Bragança - PA	20
Figura 2 - Certificado de Matrícula do "Jornal do Caeté"	30
Figura 3 - Filenilo Ramos	31
Figura 4 - Estrada de ferro, Bragança - PA	33
Figura 5 - Primeira Edição do Jornal do Caeté	36
Figura 6 - Jornal do Caeté - Ano I.....	37
Figura 7 - Joaquim Lobão da Silveira	37
Figura 8 - Jorge Daniel de Sousa Ramos	38
Figura 9 - Capa do livro "Toda Poesia", de Jorge Ramos.	39
Figura 10 - América Ramos Lobão da Silveira.....	41
Figura 11 – Dirigentes do Jornal do Caeté.....	41
Figura 12 – Maquinário utilizado para impressão do Jornal do Caeté	42
Figura 13 – Tabela de vendas “Caeté Jornal”	43
Figura 14 – Formatação do Jornal Caeté	43
Figura 15 – Página de anúncios do exemplar do Jornal do Caeté.....	44
Figura 16 – Página de anúncios do exemplar do Jornal do Caeté.....	45
Figura 17 – Página de anúncios do exemplar do Jornal do Caeté.....	45
Figura 18 – Página de anúncios do exemplar do Caeté Jornal.....	46
Figura 19 – Página de anúncios do exemplar do Caeté Jornal.....	46
Figura 20 – Página de anúncios do exemplar do Jornal do Caeté.....	47
Figura 21 – Página de anúncios do exemplar do Jornal do Caeté.....	47
Figura 22 – Página de anúncios do exemplar do Jornal do Caeté.....	47
Figura 23 - Notícia do Jornal do Caeté.....	50

Figura 24 - Notícia do Jornal do Caeté.....	50
Figura 25 - Notícia do Jornal do Caeté.....	50
Figura 26 - Notícia do Jornal do Caeté.....	51
Figura 27 - Página do exemplar do Jornal do Caeté.	53
Figura 28 - Diploma de Honra ao mérito concedido ao Jornal do Caeté.	53
Figura 29- Diploma do Amigo da Educação concedido ao Jornal do Caeté.....	54
Figura 30 - Página do exemplar do Jornal do Caeté. Edição de comemoração aos 30 anos do Jornal.	54
Figura 31 - Notícia Jornal de Caeté.....	55
Figura 32 - Carta de Juscelino Kubitschek de Oliveira a Joaquim Lobão da Silveira. Parabenizando o Jornal Caeté.	55
Figura 33– Primeira etapa do processo.....	76
Figura 34 - Segunda etapa do processo (Parte 1).....	77
Figura 35 - Segunda etapa do processo (Parte 2).....	78
Figura 36 - Segunda etapa do processo (Parte 3).....	79
Figura 37 - O uso inadequado da cola	78
Figura 38 - Encontrado excremento de insetos (Parte 1)	78
Figura 39 - Encontrado excremento de insetos (Parte 2)	79
Figura 40 - Encadernação antiga (Parte 1)	79
Figura 41 - Encadernação antiga (Parte 2)	80
Figura 42 - Manchas de umidade (Parte 1).....	80
Figura 43 - Manchas de umidade (Parte 2).....	81
Figura 44 - Danos por acidez (Parte 1)	81
Figura 45 - Danos por acidez (Parte 2)	82
Figura 46 – Medindo o ph da água com a fita medidora de ph	82

Figura 47 – Medindo o ph da água com a fita medidora de ph	83
Figura 48 - Primeiro teste químico.....	83
Figura 49 - Segundo teste químico.....	84
Figura 50 - Etapas do banho do Jornal (Parte 1)	84
Figura 51 - Etapas do banho do Jornal (Parte 2).....	85
Figura 52 – Análise da fita indicadora de ph	85
Figura 53 - Entrefolhamento do jornal com nylon	86
Figura 54 – Entrefolhamento do jornal com nylon.....	86
Figura 55 - Banho com a folha teste.....	87
Figura 56 - Folhas emersas	87
Figura 57 - Folha na entretela de nylon.....	88
Figura 58 - Folhas do jornal em folhas de nylon	89
Figura 59 - PH final da água	89
Figura 60 – Escolhendo o papel adequado para o preparo da polpa	90
Figura 61 - Pesando as folhas	90
Figura 62 – Medindo a altura do Jornal com a régua	91
Figura 63 - Medindo a largura do jornal com a régua.....	91
Figura 64 - Jornal na moldura.....	92
Figura 65 - Cálculos de gramatura e polpa	92
Figura 66 - Balança de precisão.....	93
Figura 67 - Liquidificador usado para fazer a polpa.....	93
Figura 68 - Lavagem do MOP.....	94
Figura 69 – Jornal introduzido na MOP.....	94
Figura 70 – Imagem da grade da MOP sendo segurada.....	95

Figura 71 - Polpa batida despejada no MOP	95
Figura 72 - MOP aberto.....	96
Figura 73 - Jornal observado do MOP	96
Figura 74 - Jornal na MOP	97
Figura 75 - Processo de secagem do papel.....	97
Figura 76 - Preparação da cola metil.....	98
Figura 77 - Forma correta de se passar a cola metil	98
Figura 78 – Jornal após processo de encolagem	98
Figura 79 – Jornal após processo de encolagem (2).....	99
Figura 80 - Prensa.....	99
Figura 81 – Processo de descolagem	100
Figura 82 - Jornal antes do refilamento	100
Figura 83 – Refilamento do Jornal.....	101
Figura 84 – Jornal após refilament	101
Figura 85 – Reforços com papel japonês e cola metil	102
Figura 86 – Secagem do papel japonês com espátula térmica.....	102
Figura 87 – Pastas Poliondas	103
Figura 88 – Jornal encapsulado no poliéster (parte 1).....	104
Figura 89 – Jornal encapsulado no poliéster (parte 2).....	104
Figura 90 – Jornal encapsulado no poliéster (parte 3).....	105
Figura 91 – Jornal encapsulado no poliéster (parte 4).....	105
Figura 92 – Protótipo de encadernação por costura criado pelo LACON	106
Figura 93 – Protótipo de encardenação por costura criado pelo Lacon (visão lateral)	106

Figura 94 – Protótipo de encadernação por costura criado pelo LACON (visão frontal)	107
.....	
Figura 95 – Espátula de teflon	107
Figura 96 - Pasta de papel alcalino com três dobras (Parte1)	108
Figura 97 - Pasta de papel alcalino com três dobras (Parte 2)	108
Figura 98 - Pasta de papel alcalino com três dobras (Parte 3)	109

LISTA DE TABELAS

Quadro 1: Organização das edições do Caeté Jornal/Jornal do Caeté (ANEXO)	57
Quadro 2: Agentes físicos.....	69
Quadro 3: Agentes químicos.....	70
Quadro 4: Agentes físico mecânico.....	70
Quadro 5: Agentes biológicos.....	71
Quadro 6: Danos da Coleção.....	73

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

MOP	Máquina obturadora de papel
G=m/a	Gramatura  igual a massa dividida pela rea.
LACON	Laboratório de preservação, conservação e restauração.
ICOM-CC	International Council of Museums, Committee for Conservation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO I	24
1 Breve História do Jornal.....	24
1.2 Breve introdução à História da Imprensa no Brasil.....	25
1.3 Os Jornais/Imprensa Enquanto Fonte de Pesquisa	25
1.4 Memória Coletiva	26
1.4.1 Jornal como Fonte de Memória	28
1.5 A história do <i>Jornal do Caeté</i>	29
1.6 Primeira fase: “ <i>Caeté jornal</i> ” (15.08.1929/31.12.1935).....	30
1.7 Bragança e a década de 50: declínio da economia e apogeu da Imprensa	32
1.8 Jornais Bragantinos.....	34
1.9 Segunda fase: “ <i>Jornal do Caeté</i> ” (18.05.1946/18.03.1983)	35
1.10 O formato do <i>Jornal do Caeté</i>	42
1.11 Impacto do <i>Jornal do Caeté</i> na sociedade Bragantina.....	49
CAPÍTULO II	56
2 Trajetória da Coleção <i>Jornal do Caeté</i>.....	56
2.1 A coleção <i>Jornal do Caeté</i>	56
2.2 Papel.....	65
2.2.1 Origens do papel.....	65
2.2.2 Composição do Papel.....	65
2.2.3 Papel de jornal.....	66
2.3 Conservação e preservação	66
2.3.1 Preservação	66
2.3.2 Conservação	67
2.3.3 Conservação preventiva	68
2.3.4 Restauração	68
2.4 Agentes de degradação do papel.....	68
2.4.1 Internos.....	68
2.4.2 Externos.....	69
2.4.3 Agentes físicos	69
2.4.4 Agentes químicos.....	69
2.4.5 Agentes físicos mecânicos	70

2.4.6 Agentes biológicos	71
2.5 Diagnóstico de conservação.....	71
2.6 Conservação do Jornal do Caeté	72
2.6.1 Descrição do Estado de conservação	72
2.6.2 Propostas de acondicionamento	74
2.6.3 Proposta de tratamento.....	75
2.6.4 Descrevendo o processo	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
ANEXOS – ANEXO A - TERMO DE DOAÇÃO DOS EXEMPLARES DO <i>JORNAL DO CAETÉ/ BRAGANÇA/PARÁ</i>.....	123

INTRODUÇÃO

O “Caeté Jornal” (15/08/1929-31/12/1935), posteriormente chamado de “Jornal do Caeté” (18/05/1946 – 12/03/1983), foi o mais durável dos jornais bragançinos até a presente data, circulando em sua primeira fase durante seis anos e por trinta e sete anos ininterruptos em sua segunda fase, na cidade de Bragança, município brasileiro localizado no nordeste do estado do Pará.

Figura 1 – Município de Bragança – PA.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bragança_\(Pará\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bragança_(Pará))

O jornal recebeu esse nome em homenagem ao Rio Caeté¹, que margeia a cidade de Bragança, também carinhosamente conhecida como “Pérola do Caeté”. Foi um jornal independente e semanário considerado o jornal mais tradicional do interior paraense e, para muitos, um dos patrimônios culturais² de Bragança.

A presente monografia pretende analisar e refletir sobre a importância da conservação/preservação de jornais impressos como fonte de pesquisa e ressaltar a sua importância para preservação da memória e identidade de diferentes grupos, comunidades, sociedades. Pretendemos fazê-lo por meio do estudo de caso do “Jornal do Caeté” da cidade de Bragança-PA; e ainda apresentar um diagnóstico do estado de conservação da coleção adquirida do “Jornal do Caeté”.

¹ Caeté em tupi significa mato bom ou mato verdadeiro. Cf. <https://www.braganca.pa.leg.br/institucional/o-municipio/braganca-uma-historia-da-terra-de-cao-y-ete>

² Apesar de ser considerado patrimônio cultural da cidade, o Jornal não se encontra efetivamente tombado, registrado, inventariado pelo poder público em quaisquer das suas instâncias municipal, estadual ou federal o que corrobora o trabalho aqui desenvolvido.

Para o desenvolvimento do trabalho foram utilizadas edições impressas do “Caeté Jornal” e do “Jornal do Caeté”. Posteriormente, desenvolvemos conversas informais com algumas pessoas que conviveram e fizeram parte do cenário em estudo. Além dessas fontes, utilizamos como fonte secundária leituras bibliográficas que promoveram o confronto com os dados encontrados na pesquisa documental.

A escolha deste jornal é fruto de minha relação familiar com as raízes da família Medeiros, a qual carrego o sobrenome. Essa coleção de jornais chegou à minha casa em Brasília no ano de 2018. Meu avô, Celso Medeiros, ao doá-la a mim, me transformou em guardião dessas memórias.

As edições, em sua maioria encontravam-se encadernadas em um total de 6 volumes, o que já me sinalizava uma inadequação no que se refere à conservação desse material. Para manuseá-las, necessariamente devíamos tocar em seu suporte. Houve várias alterações no suporte promovidas pela oscilação de temperatura Belém (muito úmido) e Brasília (parte do ano muito seco), infestação de insetos, dentre outros. Os exemplares que não se encontravam encadernados – seis edições avulsas – estavam dobrados (o formato do jornal é tabloide), o que promoveu a perda de suporte e de conteúdo em parte desse material.

Decidi, portanto, escolher a questão da conservação e possível restauração desse material como estudo de caso para o meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A partir daí, dei início ao levantamento de literatura condizente ao tema e um dos trabalhos que me chamou atenção foi o do Prof. Dr. Rodrigo Rabello do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação. Tratava-se de sua própria monografia de final de Curso apresentada em 2004 na Universidade Estadual Paulista. O trabalho se intitula *Poder Legislativo Municipal e a Imprensa em Marília: um estudo temático-comparativo entre a documentação oficial e a jornalística*.

Por meio dessa leitura, pude perceber que a área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação se aproximam da documentação jornalística por meio de outro viés que não só o da conservação.

Em seu trabalho, Rabello (2004) nos apresenta a discussão da importância do acesso à informação para todos os cidadãos. Ele destaca, da área da Ciência da Informação, sua importância como campo que conforma profissionais voltados para a organização e o acesso à informação de forma a proporcionar acesso democrático de todos a tudo o que acontece em sociedade. Seu escopo de trabalho foi verificar como a imprensa da cidade de Marília veiculava aquilo que era debatido e muitas vezes

aprovado pelo Poder Legislativo Municipal. De que maneira esses meios de comunicação, os jornais da cidade, (que são objeto de concessão do Poder Público) divulgavam os debates e decisões políticas ocorridas no espaço legislativo. Nesse sentido, a leitura do trabalho do Prof. Rabello foi fundamental para que eu pudesse perceber que, para além da preservação dos exemplares dos jornais herdados de meu avô, esses jornais, de natureza local, se conservados, podem nos ajudar a entender as diferentes dinâmicas sociais, políticas, econômicas, culturais de uma determinada realidade, como será demonstrado mais à frente.

Entendemos, portanto, à luz do trabalho de Rabello (2004) que as decisões relativas à preservação ou não de jornais locais podem ter impacto na sociedade, tanto local quanto estadual ou nacional. No caso do “Jornal do Caeté”, ele é considerado o mais importante jornal da cidade de Bragança – PA. Seus donos e colaboradores, inclusive, tiveram papel relevante na política nacional tendo sido eleitos em diferentes ocasiões para o Legislativo Federal.

Sendo assim, sinalizamos que o objetivo³ geral desse trabalho é contribuir para a reflexão sobre a relevância social da imprensa regional para a preservação da memória e identidade de diferentes grupos sociais a partir do emprego de técnicas para a conservação e restauração de jornais impressos. Como objetivos específicos, contextualizar, apresentar e aplicar técnicas para a restauração e conservação de jornais impressos em suporte papel – considerando como estudo particular o Jornal do Caeté, Bragança – PA – com vistas a sua disponibilização para acesso, pesquisa e usufruto a gerações atuais e futuras.

Em termos metodológicos, para a consecução do objetivo geral, procedemos à revisão de literatura sobre os temas do jornal e da imprensa no contexto internacional e brasileiro. Também empreendemos revisão de literatura procurando nos debruçar sobre autores que nos ajudaram a compreender os processos de formação das memórias coletivas uma vez que compreendemos que as reportagens veiculadas nos jornais são uma fonte para a compreensão e conhecimento acerca dos processos de formação dessas memórias. Como nossa percepção sobre o papel da imprensa local diz respeito a processos de homogeneização de memórias, os autores escolhidos foram Maurice Halbwachs e Pierre Nora. Para a consecução dos demais objetivos

³ Gostaríamos de agradecer aqui as sugestões de reestruturação da introdução feitas pelo Prof. Dr. Rodrigo Rabello em banca de avaliação ocorrida em 16 de dezembro de 2019 na Faculdade de Ciência da Informação – UnB.

fomos atendidos no Laboratório de Conservação e Restauração do Curso de Museologia onde pudemos realizar uma série de técnicas para diagnóstico e restauração de papel.

CAPÍTULO I

1 Breve História do Jornal

O primeiro “jornal” que se tem notícia se chamava *Acta Diurna* e surgiu em Roma no ano de 59 a.C. Ele nasceu pela vontade do imperador romano Júlio César, de informar o público sobre os acontecimentos políticos, sociais (informar o povo da expansão do Império, divulgar suas conquistas militares e fazer propaganda pessoal) e divulgar também os eventos programados para as cidades próximas. O “jornal” era escrito em grandes placas brancas e expostas em locais públicos por onde passavam pessoas. (JORNALISTA, 2013).

P. Albert e F. Terrou observa que o nascimento do jornalismo e do jornal vem de uma grande crescente necessidade de informação:

A necessidade de informações é um dos dados fundamentais de toda vida social. [...] A curiosidade do público sempre suscitou a vocação de contadores de histórias que [...] cumpriam uma função de comunicação e com frequência também de informação [...]. Tanto os grandes como os pequenos impérios da Antiguidade ou da Idade Média haviam criado redes de coleta e difusão de informações cujos mensageiros transmitiam oralmente ou por escrito notícias que em seguida podiam ser levadas ao conhecimento de um público mais ou menos amplo pelas mais diversas vias, do pregoeiro ao cartaz-edital. (ALBERT; TERROU, 1990, p.3).

Como é de amplo conhecimento, foi na Baixa Idade Média, que os jornais tiveram o seu maior avanço tecnológico até então: a prensa, criada pelo alemão Johann Gutemberg em 1450. Sua invenção possibilitou o estabelecimento do que entendemos pelo jornal moderno, permitindo a livre troca de ideias e cultura, propagando, assim, o conhecimento. Durante essa época, a burguesia em ascensão obtinha informações sobre o mercado por boletins impressos, que muitas vezes tinham um conteúdo sensacionalista. (GUIA DE CARREIRA, 2018.)

Da mesma forma que o livro eletrônico não acabou com o livro impresso, a invenção do telégrafo, do rádio e da televisão e mais recentemente os jornais on-line não colocaram fim ao jornal impresso apesar de se inegável que há novos desafios a serem enfrentados como o noticiário em tempo real.

1.2 Breve Introdução à História da Imprensa no Brasil

Uma das obras de referência no estudo da imprensa no Brasil é a obra de Nelson Werneck Sodré (1966). O recorte temporal que o autor faz é a data de 1808 como aquela da chegada da Família Real Portuguesa a sua colônia na América e a criação da Imprensa Régia na sequência.

Entretanto, sabemos que havia imprensas clandestinas em funcionamento na colônia tanto que em 10 de Maio de 1747, foi dada uma ordem régia de D. João V, na qual manda executar a apreensão de todas as letras de imprensa que se encontrassem no Estado do Brasil, impossibilitando quaisquer licenças. Apenas em 1808 é que surgem, quase simultaneamente, os dois primeiros jornais brasileiros: o *Correio Braziliense*, editado e impresso em Londres, pelo exilado Hipólito da Costa e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicação oficial editada pela Imprensa Régia, instalada no Rio de Janeiro com a transferência da Corte portuguesa. (HEITLINGER, 2007).

A chegada da Corte Portuguesa no Brasil fomentou mudanças políticas, econômicas e sociais no território, assim proporcionando o desenvolvimento da imprensa. Ainda que no começo os jornais estivessem todos sob o domínio da Coroa, que adotava a censura prévia como procedimento, a abertura das oficinas da Imprensa Régia e a criação de volumes impressos para disseminação de notícias foi importante para o desenvolvimento e a solidificação da imprensa que figura na atualidade (BEZERRA, 2008).

No Brasil, o jornalismo manifestou-se político e opinativo, com crítica enérgica e *modus operandi* manual. “Em seus primórdios, a atividade jornalística era uma iniciativa essencialmente individual, independente e estava relacionada, em termos de produção, à pequena parcela de literatos da sociedade”. (BARROS, 2013, p.15).

1.3 Os Jornais/Imprensa Enquanto Fonte de Pesquisa

Como os jornais tratavam do cotidiano, daquilo que acontecia de ordinário, mas também de extraordinário, até o século XX, os periódicos não eram considerados fonte de estudo e conhecimento sobre o passado ou as sociedades (LUCA, 2008) (ZICMAN, 2005). A História escrita ao longo dos séculos XVIII, XIX e parte do século XX não considerava as pessoas comuns como sujeitos da História. Portanto, o cotidiano presente nos jornais não era considerado objeto de estudo ou pesquisa de historiadores. Luca (2008) e Zicman (2005) afirma que não era incomum a escrita sobre a própria história da Imprensa. Mas o produto da atividade jornalística não era

considerado uma fonte confiável para a escrita de uma História que se considerava oficial. Esse descaso com os jornais pode ser percebido inclusive a partir do material – papel – utilizado para sua confecção. Sem dúvida, o jornal não era algo para ser guardado, mas, sim, descartado.

Até a primeira metade deste século [século XX], os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas em relação ao documento jornal: o desprezo por considera-lo fonte suspeita ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso, a notícia era concebida como relato fidedigno da verdade. (CAPELATO, 1988, p. 21).

Segundo Rüdiger (1993) e Lapuente (2015) nas últimas décadas do século XX, o conhecimento histórico promoveu um certo revisionismo de sua busca pela verdade e pela neutralidade. A partir dessa mudança, as notícias veiculadas pela imprensa deixaram de ser consideradas verdades. O trabalho do historiador passou a ser justamente esclarecer e elucidar as razões que levaram uma determinada notícia ser veiculada da forma como ela o fôra, identificar as redes políticas e sociais onde seus autores estão inseridos, por exemplo. Para Capelato (1988), a imprensa é rica em dados e elementos que permitem um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas manifestações de vida, sejam elas culturais, políticas, etc. Entretanto, a seu ver, os jornais não são uma “ponte” em direção à realidade, um estudo mais minucioso dos órgãos de imprensa tomados como fonte do conhecimento histórico é um requisito necessário a todo trabalho que utiliza este tipo de fonte documental, pois para ela a imprensa age sempre no domínio de interesses e posições.

Sosa (2007, p.19) “corroborar aquilo que foi aqui exposto quando chama a atenção para a necessidade de um trabalho de crítica interna e externa de qualquer fonte utilizada por historiadores”.

1.4 Memória Coletiva

A questão da diversidade de fontes para o estudo da História foi um marco para este campo de conhecimento especialmente a partir do trabalho de um grupo de historiadores franceses que em 1929 fundaram a revista *Annales*. Os trabalhos veiculados nos *Annales* desde essa data são representativos não só da ampliação da compreensão do que pode ser considerado fonte para o estudo da História, como também da própria compreensão da memória como um recurso para a construção da

interpretação acerca de processos ocorridos no passado. Para Jacques Le Goff, historiador da 3ª geração dos *Annales*, “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 477). Esta descrição nos insere no universo das lembranças sociais, nas memórias que retratam a formação e a preservação da cultura e da identidade de um povo.

Cada pessoa carrega suas lembranças particulares, porém, ela está inserida em um determinado contexto, vivendo em uma sociedade, e é nesse contexto que ela consolida suas lembranças. A memória individual se alimenta das diversas memórias ao nosso redor (HALBWACHS, 2006). Estas diversas memórias formam a memória coletiva, conceito cunhado por Halbwachs. Segundo a avaliação desse autor, a memória coletiva assegura a identidade do indivíduo, como pertencente a um determinado grupo. O indivíduo sozinho não cria lembranças, ou pelo menos não é capaz de sustentá-las por muito tempo, pois precisa do apoio dos testemunhos de outros para nutri-las e formatá-las. “As memórias individuais se formam a partir da relação com o outro: recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação.” (HALBWACHS, 2006, p.29). Em outras palavras, as lembranças e esquecimentos requerem cumplicidade.

Quando nos lembramos de algum acontecimento, utilizamos a nossa memória. A sensação ao fazer esse exercício é que, aquilo que estou lembrando faz parte da “minha memória”, ou seja, “pertence a mim”, “nasceu das minhas observações” e “morreram comigo”. O que precisa ser analisado é que boa parte das lembranças de uma pessoa é referente a momentos compartilhados com outros, seja no ambiente familiar, no trabalho, na escola, ou, numa escala maior, em um bairro, cidade, ou até país. Assim, pode-se dizer, em concordância com Halbwachs (2006), que a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

A memória coletiva é entendida por Halbwachs (2006) como um processo de reconstrução do passado vivido e experimentado por um algum grupo social. Desse modo, a obra de Halbwachs, oferece contribuições significativas para o trabalho com a memória, visto que sua interpretação sobre a memória coletiva permite entender que o processo de recordação não depende apenas do que o indivíduo lembra, mas de que suas memórias fazem parte também da memória do grupo à qual ele está

inserido. Mas o sociólogo não descarta a memória individual/pessoal, que pode ser entendida como “memória ressignificada”, ou seja, a intermediação da subjetividade do indivíduo no processo de rememoração. Não desconsiderando, portanto, a participação do indivíduo.

Nesse sentido, à luz das reflexões de Halbwachs que considera os processos de construção de memórias coletivas fatores que podem contribuir para a homogeneização do tecido social, procurei relacionar essa interpretação com as reflexões sobre o *jornal* como um elemento de constituição dessas memórias.

1.4.1 Jornal como Fonte de Memória

A memória surge de um grupo que ela une; Como Halbwachs (2006) argumenta, há tantas memórias quantos grupos existentes; Ela é, por natureza, múltipla, coletiva, plural e pessoal. A memória se fixa no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. Mais contemporaneamente, Pierre Nora, preocupado também com processos sociais de homogeneização da memória, nos adverte:

Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações são os marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões da eternidade [...] Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13).

A partir das concepções de Nora, podemos incluir o jornal na categoria por ele desenvolvida de *lugares de memória*⁴, compreendido como um elemento material, simbólico e funcional. Sua operação nas sociedades pode ser avaliada a partir da seguinte observação:

Se é verdade que a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, e bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p. 13).

⁴ Pierre Nora retoma o conceito de Cícero na obra *De Oratore* escrito em 46 a.C.

Os jornais, nacionais ou locais, podem nos informar acerca da forma pela qual grupos na sociedade se posicionavam frente a questões e temas em debate no período uma vez que, como é do conhecimento de todos, os jornais não são produções neutras. Cada periódico se posiciona politicamente diante dos acontecimentos e processos em curso em sociedade. Igualmente, são importantes veículos para dar a conhecer as questões e debates ordinários e cotidianos daqueles que são considerados “pessoas comuns”.

No caso do “*Jornal do Caeté*” e dos demais periódicos coetâneos, eles eram, junto ao rádio, os mais importantes meios de comunicação do período.

1.5 A história do “*Jornal do Caeté*”

O “*Jornal do Caeté*” foi o mais durável dos jornais bragantinos. É considerado o jornal mais tradicional do interior paraense, e patrimônio cultural⁵ de Bragança. O jornal era considerado uma voz do interior para a metrópole. Sua missão era, segundo o próprio jornal, estreitar cada vez mais os laços entre os brasileiros e a região bragantina, numa demonstração maior de unidade nacional. O lema defendido pelos seus fundadores era: “Por Bragança, Pelo Pará e pelo Brasil”. (Coleção “*Jornal do Caeté*”, 1929-1978).

O jornal circulou em duas fases distintas: em sua primeira fase, o jornal era intitulado de “*Caeté Jornal*” (19.8.1929 – 31.12.1935), circulando por pouco mais de 6 anos, sempre aos domingos. Sua sede era em Bragança, na Rua F. Peixoto, 43. Após 11 anos, o jornal foi retomado sob nova direção e com o nome de “*Jornal do Caeté*” e teve sua fase de maior duração, de (18.5.1946 – 12.3.1983)⁶, ou seja, 37 anos ininterruptos. Sua nova sede foi instalada também em Bragança na rua General Gurjão, 895.

Foi um jornal independente e semanário editado por *Jornal do Caeté Ltda* a serviço da região bragantina e marcou o início de um novo período na imprensa municipalista do interior.

Figura 2 - Certificado de Matrícula do "Jornal do Caeté"

⁵ Ver nota 2 na Introdução a este trabalho.

⁶ Acredita-se que a interrupção do jornal tenha relação com o período de repressão decorrente da Intentona Comunista (1935) e do período do Estado Novo (1937-1945).

INPS		CERTIFICADO DE MATRÍCULA			SAF
MATRÍCULA		CGC 05.187.984/0001-85			
RAZÃO SOCIAL e/ou NOME A - JORNAL DO CAETÉ LTDA					
B -					
ENDEREÇO Rua General Gurjão, 895					
BAIRRO Centro		MUNICÍPIO Bragança		ESTADO PA.	
INÍCIO DA ATIVIDADE	REG. FISCAL	CÓD. ATIVIDADE	TARIFA	TAXA	
	12/01	604010	2	1,10	
DOMICÍLIO BANCÁRIO					
Bragança, 050576		Antonio Z... Batista SERVIDOR RESPONSÁVEL			

Fonte: Coleção “Jornal do Caeté”. Acervo da família Medeiros. [19-].

1.6 Primeira fase: “Caeté jornal” (15.08.1929/31.12.1935)

O “*Caeté Jornal*”, primeira fase, foi fundado por Filenilo da Silveira Ramos em 15/08/1929. Filenilo Ramos nasceu na cidade de Bragança em 11/10/1889, e somente se afastou dela para estudar na Inglaterra, onde formou-se em contabilidade. Filenilo Ramos era jornalista, contador, comerciante, vereador e guarda-livros. Foi casado com Maria Luiza de Souza Ramos. Como fruto de seu casamento nasceram os filhos Jorge Daniel de Souza Ramos e América de Souza Ramos.

Figura 3 - Filenilo Ramos



Fonte: Coleção “Jornal do Caeté”. Acervo da família Medeiros. Ed. nº 1536. (1976, p. 20).

O “Caeté Jornal” era dirigido por Filenilo Ramos, Pedro Fernandes de Sousa (Jornalista), e José da Silveira Martins, com assistência gráfica de Adolfo Batista de Andrade. Compuseram o corpo redacional do “Caeté Jornal”: Armando Bordallo da Silva (Professor), Bolívar Bordallo da Silva (Médico), Alírio Pinheiro, Antônio de Souza, Lauro Cunha (cirurgião dentista), Eimar Tavares. Os cronistas e poetas Raimundo Augusto César, Cunha Junior, Sebastião da Silva, César Pereira, De Castro e Sousa (autor do hino de Bragança), Rodrigues Pinagé⁷. Até mesmo o prefeito da cidade na época, Lobão da Silveira, era colaborador do “*Caeté Jornal*” e possuía uma coluna semanal para reiterar os cidadãos bragantinos sobre os atos oficiais, além de assumir a direção dos negócios públicos do município (Coleção “Jornal do Caeté”, 1929-1978).

Após seis anos ininterruptos de publicação, o “*Caeté Jornal*” encerrou suas atividades conforme nota publicada em sua edição de número 318 em 31/12/1935:

⁷ Para mais informações sobre a biografia das personalidades que faziam parte do corpo redacional do “Caeté Jornal” acesse: https://issuu.com/revistapzzarte/docs/pzz_bragantina_73ab0d14998e15

Caeté Jornal, pondo, hoje, um ponto final em sua vida periódica, está perfeitamente enquadrado na norma de conducta e coherencia que se impoz ao vir á lume, ha pouco mais de seis annos. Se não satisfez a todas as espectativas, ou á todas as ambições, não foi, de certo, porque errasse o caminho, mas, talvez, porque nem todos os caminhos vão dar á Roma. Não nos afflingem os juisos; todos serão temerarios, e neste caso que elles venham: o trôco estará engatilhado. Eu só quero que não me enterrem vivo depois de morto... Porque não vemos nessa resolução nada que venha ferir os interesses da terra que vinhamos representando na imprensa antes. Resta-nos, apenas o grato dever de reafirmarmos agora, uma ultima vez, os nossos melhores protestos de gratidão á todos quantos nos proligalisaram assistencia material, incentivo moral, ou nos trouxeram seu apreciavel contingente intellectual. Agora, aos nossos leitores, uma pequena centelha do nosso ultimo pensamento, á guisa de ponto final: Já no declinio do período incaico, os filhosdo sol deixavam pelos trilhos que levavam ás suas cidades sagradas, aqui-alli, pedras que, como pegadas archeologicas, hoje conduziram os sabios até aquelles remotos ciclos de civilisação americana. São as – pedras cançadas, como se alli diz esta última edição de Caeté – jornal, é a nossa –pedra cançada. A pedra que não chegou á cidade sagrada dos homens de bôa vontade, talvez porque, como os incas, os homens de bôa vontade vão rareando[...] (“Caeté Jornal”, 1935, p. 01).

1.7 Bragança e a década de 1950: declínio da economia e apogeu da Imprensa

O começo do século XX foi fundamental para a história de Bragança, assim como para toda a região. No final do século XIX, a cidade de Belém (PA) passou por importantes transformações em sua estrutura urbana; Essas transformações acabaram influenciando as cidades do interior, promovendo assim uma sofisticação nos costumes, embelezando e higienizando locais públicos e assim sustentando a ideia de que este momento era decorrente da instalação da linha ferroviária (que se iniciou em 1908 e vai até 1965, quando ela foi desativada pelo Governo militar) e pelo *boom* promovido pela borracha. Nesse período, a estrada de ferro era a principal via de acesso entre Belém e Bragança, funcionando como via de transporte agrícola para Belém e de lá para outros lugares. (Coleção “Jornal do Caeté”, 1929-1978).

Figura 4 - Estrada de ferro, Bragança - PA



Fonte: Revista PZZ, 2015, p. 99. Disponível em: www.revistapzz.com.br

No início dos anos 1950, a cidade passou por grave situação econômica em decorrência da queda da borracha. No entanto, a cidade ainda possuía grande influência de Belém, com quem comercializava café e tabaco. (Coleção “Jornal do Caeté”, 1929 -1978).

Autores da atualidade explicam que Bragança apesar de ser uma cidade interiorana não fugia ao contexto nacional e também passou por um apogeu social e cultural, ansiando e vislumbrando dias melhores, conforme nos explica o Prof. Dário Benedito Rodrigues em sua obra “Ao apito do trem: uma história da extinta Estrada de Ferro de Bragança”:

Em todo o Brasil, na Amazônia, no Pará e em Bragança, as décadas do século XX foram cenários de vários movimentos sociais e culturais, muitos dos quais com grande alcance e penetração social, graças à ação da escrita, da imprensa e da preservação de fatos produzida por particulares e interessados pela História. Um desses movimentos foi, sem dúvida, o grande e rápido crescimento de Bragança na epopeia da extinta Estrada de Ferro.[...] como meio moderno e regular de transporte, assegurava a exportação e valorização dos produtos da roça, o que contribuía para o surgimento de uma classe endinheirada, capaz de financiar nas décadas de 20, de 30, de 40, e de 50 uma elite intelectual produtora de jornais e revistas, criadora de grêmios e associações recreativas e culturais, tudo como reflexo da opulência agrícola e comercial, a refletir-se na fachada dos casarões. (RODRIGUES, 2017, p. 18).

Contraopondo-se ao declínio da economia, a imprensa local se consolidou e construiu uma existência simultânea ao ciclo ferroviário bragantino (1908 e 1965).

Alguns jornais merecem destaque, como as revistas *Bragantina* (1929-1950) e *Bragança Ilustrada* (1950-1954) e, por sua longevidade, o “*Jornal do Caeté*” (1946-1983).

1.8 Jornais Bragantinos

Antônio Coutinho Campos, bragantino, com presença destacada no serviço público, na política e nos meios jornalísticos e culturais da região, publicou, no *Jornal do Caeté*, edição de 18/22 de maio de 1982, um trabalho de pesquisa histórico sobre o jornalismo bragantino. Ele sintetizou e catalogou o rol dos jornais editados na cidade de Bragança, no período de 3 de julho de 1879 a 12 de março de 1983, esboçando um panorama cultural bragantino:

1. “*O Bragantino*” (1879-1883)
2. “*O Defensor Liberal*” (1879-1887)
3. “*O Caeteense*” (1887-1892)
4. “*O Cidadão*” (1889-1892)
5. “*O Republicano*” (1889)
6. “*A Infância*” (1890)
7. “*A Mocidade*” (1890)
8. “*A Pocema*” (1890)
9. “*O Popular*” (1890-1891)
10. “*O Sol*” (1890-1891)
11. “*Cidade de Bragança*” (1894-1899)
12. “*O Primeiro de Setembro*” (1897)
13. “*O município*” (1898-1900)
14. “*O Caeté*” (1901-1907)
15. “*O Petiz*” (1904)
16. “*O Clamor*” (1905-1907)
17. “*Diário do Comércio*” (1910-1910)
18. “*O Avante*” (1911)
19. “*A Semana*” (1913)
20. “*A Cidade de Bragança*” (1913)
21. “*A Cidade*” (1915-1920)

22. “O Progresso” (1921-1926)
23. “Bragança-Jornal” (1928-1929)
24. “Caeté Jornal” (1929-1935)
25. “O Suíço” (1929)
26. “O Cipó” (1931)
27. “O Progresso” (1931)
28. “O Bragantino” (1938-1942)
29. “Alvorada” (1938)
30. “Folha Trabalhista”
31. “Jornal do Caeté” (18.5.1946-12.3.1983)

1.9 Segunda fase: “*Jornal do Caeté*” (18.05.1946/18.03.1983)

No ano 1944, o então antigo prefeito da cidade de Bragança, Joaquim Lobão da Silveira, casou-se com a professora América Ramos da Silveira (11/10/1918 – 04/09/1999), filha de Filenilo Ramos, responsável pela 1ª fase do “*Caeté Jornal*”. Após 11 anos do fechamento do primeiro jornal, no dia 18.5.1946, Lobão retomou as atividades do antigo “*Caeté Jornal*” agora sobre o nome de “*Jornal do Caeté*”, dando início a uma nova fase do periódico. (COLEÇÃO “JORNAL DO CAETÉ”, 1929-1978).

O jornal renasce à sombra da redemocratização, após período ditatorial com missão de defender a democracia e a liberdade. O periódico era reconhecido por ser imparcial, incansável na divulgação da notícia, política, vida social e da difusão da cultura, além de ser um testemunho da história de Bragança, do estado do Pará e do Brasil. Defendia à causa da democracia e da boa imprensa. (COLEÇÃO “JORNAL DO CAETÉ”, 1929-1978).

O jornal publicou em sua página do exemplar número 1 do “*Jornal do Caeté*” a seguinte nota de Boas-vindas:

O ressurgimento do “Jornal do Caeté” deve ser um momento de jubilo para todos os bragantinos. Não se compreende Bragança sem o seu jornal, tribuna de todas as vozes livres, espelho de cultura de um povo. Vivemos no mundo inteiro uma hora de tremendas expectativas. A guerra exacerbou até o extremo o orgulho dos homens e agravou ao máximo limite o problema das necessidades coletivas. Os que pretendiam a paz devem confessar que cada vez mais estamos longe dela. Reina a desconfiança. A inquietude está em toda parte. A desmobilização dos exércitos não foi acompanhada do indispensável desarmamento dos espíritos. O abismo

de uma nova hecatombe abre-se aos nossos pés. Mais cedo ou mais tarde ele trará os destroços da civilização, as mais altas conquistas da inteligência humana. Para a tarefa de aplainar os ressentimentos, desbastar as dificuldades morais e materiais, criar um ambiente de compreensão comum, educar a massa para a solução pacífica das suas reivindicações mínimas, chegou a oportunidade da imprensa. Reaparece o “Jornal do Caeté” no clarão dessa alvorada. É a sua missão. É o destino. Nesse caminho se cruzam todos os jornais do Brasil, cada qual com o seu programa especializado, mas empenhados todos no mesmo trabalho pelo bem da comunidade cujas aspirações interpretam. A salvação da paz depende em muito da atividade saneadora e construtora da imprensa. Ela cumprirá o seu supremo dever, o dever da verdade. Denunciará os perigos, enchendo de luz as veredas escabrosas. E os detentores do poder, a quem Deus deu olhos para ver e ouvidos para escutar, saberão aproveitar e valorizar a contribuição da imprensa, indo ao encontro das advertências de boa-fé, provendo as queixas justas, para impedir que no ânimo de cada cidadão venha a criar-se aquele estado que acaba gerando as grandes revoltas e torna propício o momento da desforra entre as nações como, entre os homens, que é por onde se inicia.

A coroa de triunfo que um jornal conquista é sempre de espinhos, e de nada mais. Mas eu não desejo outra para os meus confrades do “Jornal do Caeté”. Belém, 26 de abril de 1946. Santana Marques (MARQUES; Coleção “Jornal do Caeté”, 1946, p.1).

Figura 5 - Primeira Edição do “Jornal do Caeté”



Fonte: Coleção Jornal do Caeté. Acervo da família Medeiros, edição nº1, 1946, p.1).

Figura 6 - Jornal do Caeté - Ano I



Fonte: Coleção “Jornal do Caeté”. Acervo da família Medeiros, edição nº 1536, (1976, p.20).

O fundador do “*Jornal do Caeté*”, Joaquim Lobão da Silveira, nasceu em 18/03/1910 na cidade de Bragança, estado do Pará. Filho do Sr. Leandro Lobão da Silveira e de D. Antônia Rodrigues da Silveira. Lobão foi bacharel em direito e contabilidade, jornalista, advogado, professor, político, e senador da república. Foi prefeito da cidade de Bragança-Pará por três vezes. Deputado estadual por duas legislaturas, de 1947 a 1953. Deputado federal por uma legislatura, de 1955 a 1958 e Senador Federal de 1959 a 1963. Foi também colaborador de “*O Liberal*”, em Belém do Pará, fundador e diretor do “*Jornal do Caeté*”, da revista “*Bragança – Ilustrada*” e patrono da Fundação Cultural de Bragança. (Coleção “Jornal do Caeté”, 1929-1978).

Figura 7 - Joaquim Lobão da Silveira



Fonte: A província do Pará, acervo pessoal da família Medeiros (1975, s/p.).

Lobão percebia a relevância da imprensa e desejava ter um jornal, um

pequeno semanário ao menos, circulando em sua terra natal. Dado isso, surge o anseio de retomar as atividades do antigo jornal. O novo “*Jornal do Caeté*” então ergue-se tendo Joaquim Lobão da Silveira como novo idealizador e diretor do jornal. (Coleção “*Jornal do Caeté*”, 1929-1978).

Pela redação da segunda fase do jornal, inicialmente passaram Pedro Fernandes de Sousa, também responsável pela direção da 2ª fase de “*O Bragantino*” (1938-1942), César Pereira, Oliveira Bastos, Helder Aranha, Ubiratan de Aguiar, Avertano Rocha e Filenilo Ramos. Com a morte de Filenilo Ramos, seu filho Jorge Daniel de Sousa Ramos assumiu o cargo de Redator Chefe. (Coleção “*Jornal do Caeté*”, 1929-1978).

Jorge Daniel de Sousa Ramos (21/07/1927- 04/06/1981) era uma figura de destaque no meio social bragantino e considerado um homem à frente de seu tempo. Jorge foi bacharel em direito e desempenhou diversas funções, como: advogado, promotor público, prefeito, orador, professor, escritor, jornalista e poeta. Contudo, foi na poesia que Jorge Ramos se imortalizou na história bragantina. Jorge escrevia poesias e crônicas que já circulavam no semanário “*Jornal Caeté*” e em jornais não só de nível local, como também estadual⁸. (COLEÇÃO “*JORNAL DO CAETÉ*”, 1929-1978).

Figura 8 - Jorge Daniel de Sousa Ramos



Fonte: Coleção “*Jornal do Caeté*”, Acervo da família Medeiros, edição nº 1536, 1976, p.1).

⁸ Esses poemas foram publicados mais tarde no livro “*Toda a poesia de Jorge Ramos*”. De autoria e organização do seu sobrinho Celso Luiz Ramos de Medeiros o livro foi lançado no ano de 2010 e reuniu uma coletânea de 124 poesias em que Jorge Ramos fala de suas paixões, devaneios, amigos, cotidiano, belezas regionais e sua afeição por Bragança. (Coleção “*Jornal do Caeté*”, 1929-1978)

A prova da repercussão de seus poemas está na publicação, anos mais tarde, do livro “Toda a poesia de Jorge Ramos”. De autoria e organização de seu sobrinho Celso Luiz Ramos de Medeiros, o livro foi lançado no ano de 2010 e reuniu a coletânea de 124 poesias em Jorge Ramos.

Figura 9 - Capa do livro "Toda Poesia", de Jorge Ramos.



Fonte: RAMOS, Jorge Daniel de Souza. Toda a poesia de Jorge Ramos. (Org.) Celso Luiz Ramos de Medeiros. Brasília: C.L.R. de Medeiros (2010).

Há um termo muito subjetivo, criado por Jorge Ramos, que ganhou grande importância e visibilidade entre os intelectuais na segunda metade do século XX. Denominado “bragantividade”, esse neologismo define todo o sentimento que rodeava o jornal e rodeia a cidade de Bragança até os dias atuais, denotando amor a Bragança e a suas tradições. O termo “bragantividade” é um misto de ufanismo, sentimento, memória afetiva, identidade cultural, de pessoas nascidas ou não na cidade de Bragança. O termo transcreve um sentimento, a busca por uma identidade coletiva que aparece no imaginário local, na tentativa de traduzir as vantagens de ser ou estar em Bragança. (COLEÇÃO “JORNAL DO CAETÉ”, 1929-1978).

Dr. Bolivar Bordallo da Silva, considerou interessante o termo, definiu-o como “A bragantividade é rotulo para o nacionalismo dos bragantinos.” (COLEÇÃO “JORNAL DO CAETÉ”, 1929-1978).

Jorge Ramos faz seu registro de bragantividade com seu poema “Canção de

amor puro a Bragança” de 1952, em que diz:

Eu sou árvore desta terra! Minhas raízes estão profundas neste solo, Há mais de trezentos anos que fui plantado aqui e nasci assim liberto, entre o sol e a chuva, sentindo a seiva prodigiosa e eterna da minha santa bragantividade.

Por isso sou árvore desta terra e os meus braços são verdes de esperança, que esgalho ao vento e ao beijo da matina. Chamo-me Ramos e ramos sou desta floresta heróica de Bragança, onde descansarei para sempre, um dia. Aqui não há machado que me derrube, porque nesta floresta não há lenhadores maus. Mas se um dia for preciso o meu lenho, para acender o lume na cabana do caboclo, para construir a casa do irmão bragantino ou para levantar pontes úteis ao Povo, ah, podem vir os milhares de machados, que eu serei o alimento da fogueira, as paredes das casas ou o sustentáculo das pontes.

Nesta floresta lendária e indestrutível, estiveram as grandes árvores do passado, maiores que eu, mais heróicas e mais santas, que abrigaram ninhos por entre os ramos, que deram sombras ao viajor cansado, que deram inspiração aos poetas sonhadores que sentiram a necessidade de ser árvore para ficar na terra para sempre.

Mas um dia também foram abatidas, como eu espero ser, para erguer o futuro e deram de si a própria vida e o cerne, para Bragança, estendida ao sol e à chuva, prosperar, andar e progredir sempre mais.

Ser árvore desta terra é o meu maior destino ficar nela sentindo que dela tudo virá: a seiva clorofiliana que me circula nas veias, o Amor, que constrói e dignifica, a União, que eleva e anima e a Paz, que consola e faz sonhar. Eu sou árvore desta terra e nesta terra estarei para sempre, ajudando a erguer nos meus braços verdes de esperança, o orgulho e a dignidade de ser bragantino! (MEDEIROS, 2010, p.56).

No dia 7/04/1975, vítima de uma arteriosclerose cerebral, faleceu Lobão da Silveira. Com o seu falecimento, a viúva do político, professora América Ramos Lobão da Silveira assumiu a superintendência do jornal, tendo como diretores os jornalistas, advogados e políticos Jorge Daniel de Sousa Ramos e Celso Luiz Ramos de Medeiros, filho de América Ramos Lobão da Silveira e enteado de Lobão da Silveira, que assumiu como diretor de relações públicas. Com a morte súbita de Jorge Ramos, o semanário continuou sob a supervisão da professora América e de Celso Medeiros até a circulação do seu último número, ocorrido a 12 de março de 1983. (Coleção “Jornal do Caeté”, 1929-1978).

Figura 10 - América Ramos Lobão da Silveira



Fonte: Coleção “Jornal do Caeté”, Acervo da família Medeiros, edição nº 1649, 1978, p.1).

Figura 11 - Dirigentes do Jornal do Caeté



Fonte: Coleção “Jornal do Caeté”. Acervo da família Medeiros, edição nº 1649, 1978, p.1).

Foram 43 anos de existência do jornal entre enormes obstáculos que costumeiramente aparecem para conservar um jornal em circulação, como o alto custo do material empregado em sua produção. (COLEÇÃO “JORNAL DO CAETÉ”, 1929-1978).

Na última edição do “*Jornal do Caeté*” consta o seguinte poema de despedida intitulado “homenagem” de autoria de Gerson Alves Guimarães, ex-secretário do “*Jornal do Caeté*”.

Homenagem

Jamais deixaste de cumprir a tua

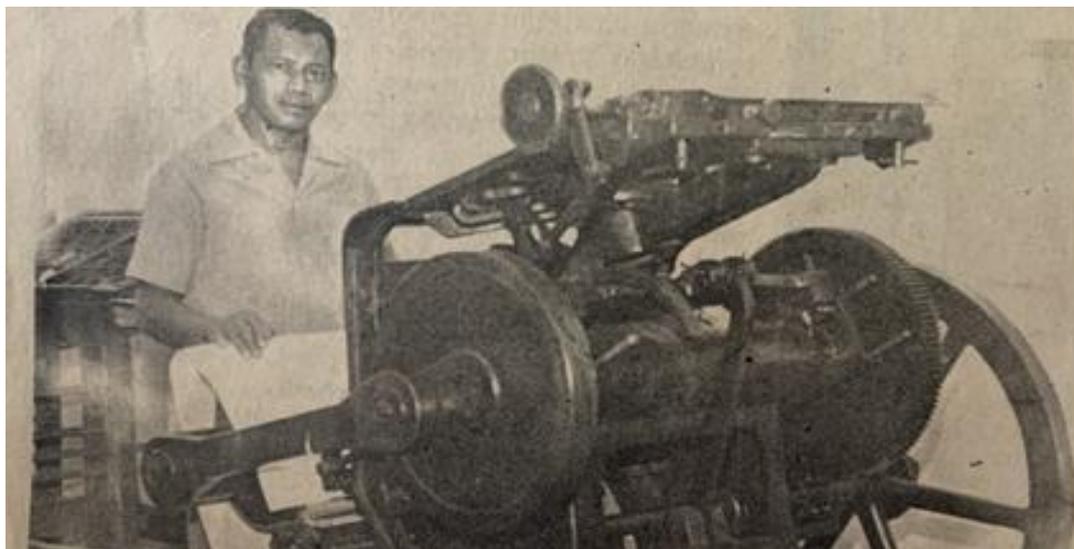
missão, Objetivo atingível do senhor Lobão, Ratificando a sua profunda Bragantividade; Nunca te curvaste a nenhuma injunção, Ainda que sobre ti passasse a opressão.
 L-aurél dos que não temem a verdade, Demonstras, nas tuas páginas, o heroísmo.
 O sagrado ideal de quem faz um jornalismo como serviço prestado à humanidade.
 A posteridade há de julgar com segurança Esse imarcescível labor que aí está, Tornando a cara e florescente Bragança, Éden do nordeste do Pará.
 Belém (PA) 12/03/1983.

(GUIMARÃES; Jornal do Caeté, 1983, p.01).

1.10 O formato do “*Jornal do Caeté*”

O “*Jornal do Caeté*” possui formato padronizado tabloide, sendo paginado com 4 (quatro) colunas de 7 cm de largura cada, tendo 40 cm de altura (4 colunas de 7cmX40cm).

Figura 12 - Maquinário utilizado para impressão do Jornal do Caeté



Fonte: Coleção “*Jornal do Caeté*”. Acervo da família Medeiros, edição nº 1536, 1976, p.18).

Sua venda era feita em bancas de jornal ou por meio de assinaturas. Em sua primeira fase, quando era “*Caeté Jornal*” a distribuição desse periódico seguia a seguinte tabela de vendas: um ano, 12\$000; um semestre, 6\$000; um trimestre,

3\$000; por fim, número avulso, \$200. Abaixo, a imagem representando a tabela.

Figura 13 - Tabela de vendas "*Caeté Jornal*"

The image shows the cover of the newspaper 'Caeté'. At the top, the name 'Caeté' is written in a cursive font. Below it, the text reads: 'Publicação semanal', 'DIRECTOR-GERENTE Casemiro Silva', and 'Redacção e Officinas Rua Visconde do Rio Branco'. A table titled 'Assinaturas' lists subscription rates: 'Pagamento adiantado', 'Anno 12\$000', 'Semestre 6\$000', 'Trimestre 3\$000', 'Numero do dia 200', and '< < atrasado 500'. At the bottom, a note states: 'Os autographos embora não sejam publicados não serão devolvidos.'

Assinaturas	
Pagamento adiantado	
Anno	12\$000
Semestre	6\$000
Trimestre	3\$000
Numero do dia	200
< < atrasado	500

Fonte: Coleção Jornal do Caeté, acervo da família Medeiros, edição nº 143 1938,p.1).

Figura 14 - Formatação do "*Jornal do Caeté*".

The image shows a typed document titled 'TABELA DE PREÇOS' for 'JORNAL DO CAETÉ'. The document is from 'A NORTON PUBLICIDADE S.A. BRASÍLIA - DF.' and is dated 'BRASÍLIA, 16 DE JUNHO DE 1982.' It describes the newspaper's format: 'O JORNAL DO CAETÉ, SEMANÁRIO EDITADO POR JORNAL DO CAETÉ LTDA, CIRCULANDO HÁ 36 ANOS NA CIDADE DE BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, TEM FORMATO TABLÓIDE, SENDO PAGINADO COM 4 (QUATRO) COLUNAS DE 7cm. DE LARGUEZA CADA, TEN DO 40 cm. DE ALTURA.' The pricing is listed as: '- PÁGINA INTEIRA - 4 colunas de 7 cm. X 40 cm - CRS 30.000,00 (TRINTA MIL CRUZEIROS)' and '- PREÇO POR CENTÍMETRO - CRS 188,00 (CENTO E OITENTA E OITO CRUZEIROS)'. The document is signed by 'CELSO LUIZ DOS REIS DE MEDEIROS, Diretor'.

Fonte: Coleção "Jornal do Caeté", acervo da família Medeiros (1982, s/p).

Na segunda fase, foram encontrados ao longo dos anos de publicação do jornal diversos preços, que variavam de Cr\$ 0,50 na sua primeira edição, Cr\$ 3,00, Cr\$ 4,00, até Cr\$ 9,00 o exemplar.

O “*Jornal do Caeté*” trazia em suas páginas publicações de artigos e crônicas, anúncios diversos, poesias, curiosidades, notas sociais e esportivas, pensamentos, cartas, notícias e novidades de grande repercussão e utilidade pública. O jornal possuía um perfil, mas não é possível padronizar as suas manchetes, pois elas variavam muito de uma edição para outra.

Conforme a consolidação do jornal perante a sociedade bragantina e região, o jornal passou a ter um número maior de leitores. Dessa forma, o comércio passou a utilizar esse meio de comunicação e informação para fazer anúncios de seus produtos e assim atrair a atenção dos consumidores. O jornal passa então a anunciar as propagandas do comércio de Bragança, como o Elixir de Nogueira, Vencedora (Loja de Calçados), Cafiaspirina (laboratório BAYER), Casa do Criador, Casa Nova, Varejão Persi e Banco do Brasil.

Figura 15 - Página do anúncio do exemplar do “*Caeté Jornal*”.

**Bõa Saúde... Vida Longa...
Obtêm-se usando o
ELIXIR DE NOGUEIRA**
De Ph. Ch.
João da Silva Silveira
Empregado com real vantagem
nos seguintes casos:

**Rachitismo,
Rheumatismo em geral,
Corrimento dos ouvidos,
Inflamações do utero,
Afecções do fígado,
Lecões da pele,**

**Gonorréas,
Espúrias,
Sarnas,
Ulcernas,
Escrofulas,
Dartros,
Fístulas,
Cancros,
Coubas,
Boubons,
Dôres no peito,
Carbunculos, etc.**

**Poderoso:
ANTI-SYPHILITICO
ANTI-RHEUMATICO
ANTI-ESCROFULOSO**
LICENCI. P. DIVERSOS DEPARTAMENTOS DE SAÚDE PUBLICOS
e Grandes Premios. 3 Medalhas de Ouro
GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

Calçados I
De todos os modelos
e para todas as idades,
o que ha de mais
chic e a preços os
mais baratos só na
VENCEDORA
de Manoel Ferreira Dias
Trav. Senador Pinheiro, canto da
ru. General Gurião.

CAETÉ-JORNAL

A Benzedura

UMA enxaqueca. A tia Joaquina promptifica-se em fazer umas rezas e benzeduras com galhos de arruda e alecrim. Pobre preta velha! Deixem-na na innocente illusão da sua credencia! Mas não deixem soffrer inutilmente a mocinha. Um ou dois comprindos de Cafiaspirina serão o bastante para alliviar a dessa terrivel dôr de cabeça.

A Cafiaspirina nunca deve faltar á cabeceira das senhoras, pois é preciosa nas colicas proprias do sexo, nos dôres de cabeça e enxaquecas, como tambem nas de dentes e ouvidos. Não affectam nenhum orgão e são absolutamente inoffensivas.

Evitem, como perigosos, medicamentos que se locuclam "tão bons como a Cafiaspirina". Esta é universalmente consagrada como o remedio de

toda confiança

CAFIASPIRINA
BAYER

Fonte: Coleção “*Jornal do Caeté*”, acervo da família Medeiros (1934, s/p).

Figura 16 - Página de anúncios do exemplar do “*Jornal do Caeté*”.

CASA DO CRIADOR

Produtos Veterinários e Orientação Técnica

UMA CASA ESPECIALISADA EM PRODUTOS
VETERINÁRIOS, ONDE SÃO ENCONTRADOS VACINAS
VITAMINAS, VERMIFUGOS, SAIS MINERAIS
E MEDICAMENTOS PREVENTIVOS CURATIVOS EM
GERAL E AINDA COM MÉDICO VETERINÁRIO PARA
LHE ORIENTAR.

Em BRAGANÇA - Praça Marechal Deodoro, 124
ao lado do CINE OLIMPIA.

CASA NOVA

DE Y. A MASSIH

ONDE QUEM MANDA É O FREQUÊS

Moderníssimo Estoque de Móveis nos mais variados preços
Rádios de várias Marcas - Aparelhos de TV de todas as
grandes marcas — CREDIÁRIO FACILITADO,
PAGANDO O SEU CARNÊ EM DIA !

Av. Visconde do Rio Branco Bragança-Pará

Fonte: Coleção “*Jornal do Caeté*”, acervo da família Medeiros (1979, s/p).

Figura 17 - Página de anúncios do exemplar do “*Jornal do Caeté*”

agência 7 de julho de 1979 JORNAL DO CAETÉ 3 página

O NOSSO SUPER MERCADO - o NOSSO SUPER MERCADO

VAREJÃO PERSI

Produtos alimentícios de várias marcas - Enlatados-Cereais-Produtos para limpeza e higiene
massas - laticínios-artigos para - perfumarias - Ampla área de circulação interna

Estacionamento de veículos bem facilitado entrega a domicílio

De PERSI Irmãos, Importação e Exportação

NESTA CIDADE À AVENIDA VISCONDE DE SOUSA FRANCO 1828/38—ENDEREÇO TELEGRÁFICO: PERSI

Fonte: Coleção “*Jornal do Caeté*”, acervo da família Medeiros (1979, s/p).

Figura 18 - Página de anúncios do exemplar do “*Jornal do Caeté*”

**Itacoatiara.
Paris.**

Estas duas cidades exemplificam bem a atuação do Banco do Brasil.

Genebra, Nova Iorque, Tóquio, Cingapura, Lagos. O Banco do Brasil tem dependências nos cinco continentes. Em lugares onde pode participar das grandes operações financeiras internacionais, funcionando como captador de recursos e garantidor de negócios para o Brasil.

Afogados do Ingazeira, Riachão do Jacuipe, Orizônia, Quixeramobim, Bodocó. O Banco do Brasil tem 90% de suas agências no interior do território brasileiro. Áreas para as quais é preciso, levar o desenvolvimento. Em que a população local, necessita de apoio efetivo, através de crédito, incentivos e orientação.

Este duplo desempenho de funções do Banco, interna e externamente, tem um único objetivo: canalizar todo o seu potencial em benefício do desenvolvimento e do progresso do País.

BANCO DO BRASIL
SISTEMA (S.A.)

Fonte: Coleção “*Jornal do Caeté*”, acervo da família Medeiros (1979, s/p).

Além do anúncio de produtos, o jornal também anunciava serviços prestados pelos profissionais da cidade, como por exemplo a Barbearia Aldean, Salão de Lolaya, cirurgião dentista Dr. Wady Cruz de Moraes, advogado Dr. Jorge Ramos entre outros.

Figura 19 - Página de anúncios do exemplar do “*Caeté Jornal*”

BARBEARIA ALDEAN
DE
Augusto Menezes
PRAÇA DA REPUBLICA

Perfumarias dos melhores fabricantes.

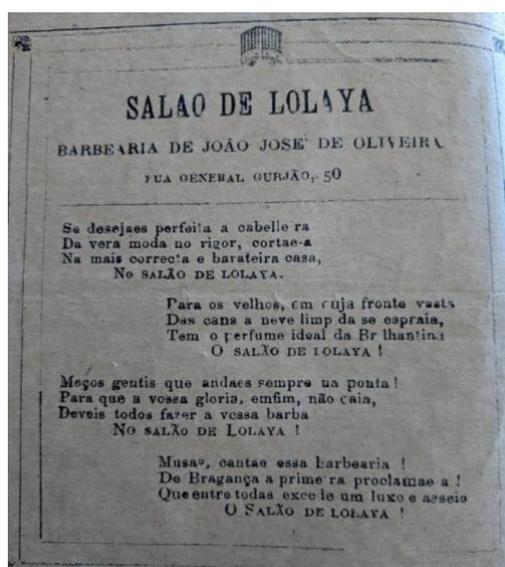
Trabalho garantido

N'este bem montado estabelecimento, um dos melhores desta cidade, executa-se com perfeição e asseio, todos os trabalhos concernentes a arte de cabeleireiro.

Todos a Aldean!

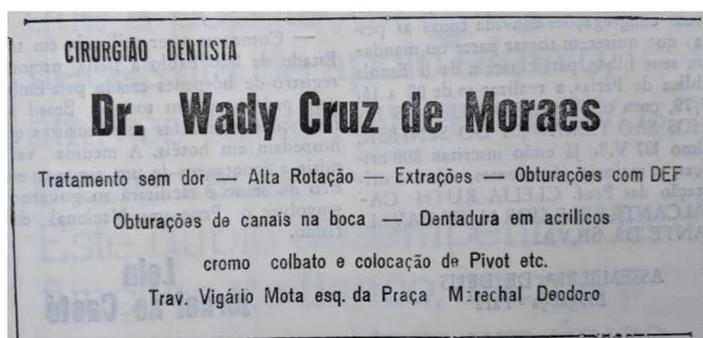
Fonte: Coleção “*Jornal do Caeté*”, acervo da família Medeiros (1937, s/p).

Figura 20 - Página de anúncios do exemplar do “*Caeté Jornal*”



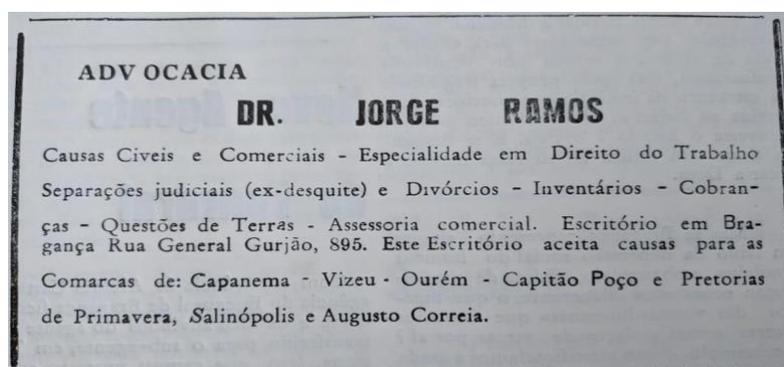
Fonte: Coleção “Jornal do Caeté”, acervo da família Medeiros (1937, s/p.)

Figura 21 - Página de anúncios do exemplar do “*Jornal do Caeté*”



Fonte: Coleção “Jornal do Caeté”, acervo da família Medeiros (1979, s/p.)

Figura 22 - Página de anúncios do exemplar do “*Jornal do Caeté*”



Fonte: Coleção “Jornal do Caeté”, acervo da família Medeiros (1979, s/p.)

Os anúncios estendiam-se a eventos sociais como aniversários, casamentos

e noivados, visitas, viagens, e falecimentos, o que conseqüentemente, fez com que o “*Jornal do Caeté*” desenvolvesse um perfil que atendia a todos os tipos de público daquela época.

- Eventos sociais:

O elegante baile da independência Lyons Clube de Bragança brinda a alta sociedade – O ponto alto da sociedade local será o BAILE DA INDEPENDÊNCIA, logo mais a partir das 22 horas, nos amplos salões da Recreativa Nove balões, que vai reunir o alto mundo social bragantino. É promoção do Lyons Clube de Bragança, que já vai se tornando tradição atraindo as atenções gerais.

O som do grande baile de hoje à noite será o da maravilhosa orquestra de Guilherme Coutinho, sem dúvida alguma, a mais prestigiada da capital do Estado, exclusiva em Belém da Assembleia Paraense. Coutinho traz todos os “cobras” da sua orquestra e promete dar um verdadeiro show de som e alegria.

Todas as elegantes da terra, as graciosas damas e as “cocotinhas” estarão a postos, enfeitando os salões do Baile da Independência e desde hoje a cidade se enche de jovens bragantinos que vêm passar a festa da magna Pátria, na terrinha e aproveitar os agradáveis momentos que o baile vai lhes proporcionar (Jornal do Caeté, 1978, p.13).

[...]

- Nota de aniversário:

15 anos de Socorro de Fatima – No dia de amanhã o lar do Sr. Elias Rossy está em festa, é que a menina moça Socorro de Fatima Rossy estará completando a idade dos sonhos. 15 anos. Socorro de Fátima é filha do casal Elias (Inês) Cecim Rossy, e nesse dia é também o dia das mães por certo uma festa será oferecida aos amigos e convivas da família Rossy. Jorna do Caeté envia os seus votos de felicidades (Jornal do Caeté, 1975, p. 2).

[...]

- Falecimento:

FALLECIMENTO – Após rápida e cruel enfermidade, a que foram baldados todos os recursos da sciencia medica, falleceu no dia 4 do corrente, pelas 6 horas da tarde, a exma. Sra. D. Maria Syndina Barreto Fróes de Faria. A distincta sra. que enfermara há poucos dias seguiu imediatamente para a capital do Estado, conhecida que foi a gravidade da doença que afinal fatalmente a victimou.

O óbito deu-se na Beneficente Portuguesa de Belém, onde se achava internada a enferma.

D. Maria Syndina, era de nacionalidade portugueza, pertencente a uma distincta família da Ilha da Madeira, contando 40 annos de idade e casada com Sr. João Alexandre de Faria, industrial e proprietário nesta cidade, não deixando filhos.

O luctuoso acontecimento consternou o nosso meio social e as famílias relacionadas à extincta que gosava de larga estima no circulo de suas amizades, pois aqui fixara residência há muitos annos.

O “Caeté Jornal” envia sentidos pezames ao esposo desolado e á família da distincta senhora (Caeté Jornal, 1933, p. 4).

[...]

- Casamento:

Enlace – Hoje, às 11hs, na Catedral de Bragança, estarão contraindo núpcias o casal Francisco Oliveira Neto e Luzia Alvão. Após as cerimônias do casamento, o novo casal irá recepcionar seus convidados na residência da noiva. Daqui, envio os melhores votos e felicidades na vida conjugal ao novo casal que ora se forma. (Caeté Jornal, 1933, p. 4).

[...]

- Viagens:

- PREFEITO VIAJOU PARA BRASÍLIA: Segunda feira viajou para Brasília o Prefeito José Maria Cardoso. Foi participar do Congresso de prefeitos e vereadores que se realiza na capital da República e, segundo afirmou, entrar em contato com altas autoridades, levando reivindicações do nosso município. A volta do Prefeito está prevista para amanhã. Assumi a prefeitura, o Vice Prefeito Eustaquilino Casseb (Jornal do Caeté, 1975, p. 1).

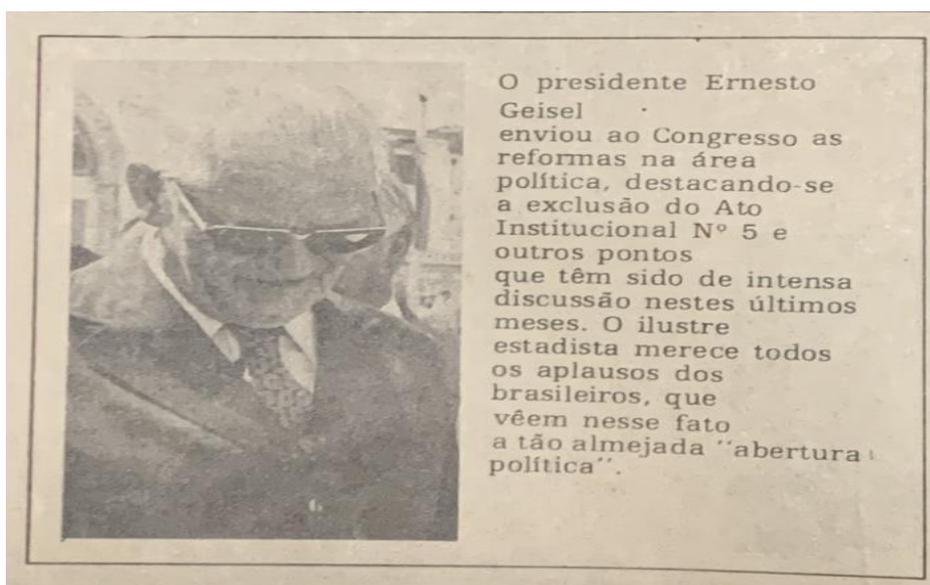
1.11 Impacto do “*Jornal do Caeté*” na sociedade Bragantina

O “*Jornal do Caeté*” surge como um dispositivo direto de socialização, e espaço de produção intelectual e artística da cidade de Bragança. Seu corpo redacional reunia a classe social privilegiada no meio intelectual, influenciados por uma visão positivista de progresso e modernização.

Por suas páginas passaram grandes personalidades da alta sociedade bragantina, como políticos, advogados, médicos, comerciantes e professores. Esse seleto grupo social se debruçou na missão de escrever sobre a cidade de Bragança, alimentando, na época, expectativas, anseios e ambições de a cidade viver futuramente seu apogeu.

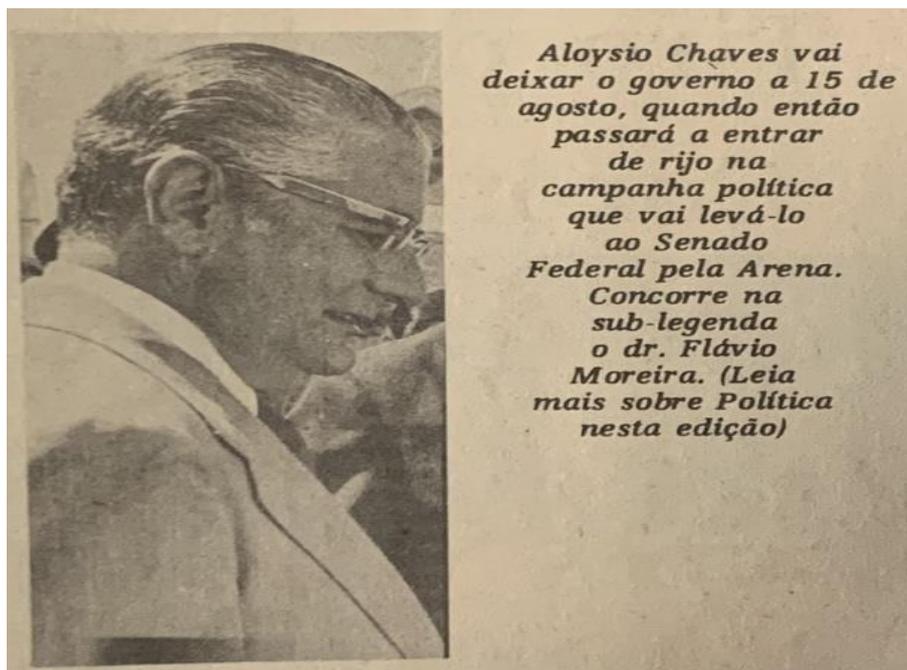
Com a cidade em ascensão, acompanhando o ritmo da evolução e o crescimento das demais cidades brasileiras que se desenvolviam no âmbito comunicacional, político, cultural e educacional, o “*Jornal do Caeté*” passou a não só veicular manchetes e notícias do cotidiano local, como também regional e nacional. Além disso, era um espaço para discussões políticas e de outros temas de relevância na sociedade.

Figura 23 - Notícia do “*Jornal do Caeté*”



Fonte: Coleção "Jornal do Caeté", acervo da família Medeiros, edição nº 1638 (1978, p.1).

Figura 24 - Notícia do "Jornal do Caeté"



Fonte: Coleção "Jornal do Caeté", acervo da família Medeiros, edição nº 1638 (1978, p.1).

Figura 25 - Notícia do “Jornal do Caeté”



Fonte: Coleção “Jornal do Caeté”, acervo da família Medeiros, edição nº 1682 (1979, p.1).

Figura 26 - Notícia do “Jornal do Caeté”

Qual a sua opinião sobre o aparecimento do bebê de proveta?

Alcides Lúcio Ribeiro, gráfo, Chefe das Oficinas de Jornal do Caeté

Acho que o tempo que os cientistas do mundo, perdem fazendo essa experiência, poderiam estar tentando descobrir o meio de vencer um terrível mal, como é o câncer, de vencer a fome mundial. Experiências como a sua ou tentar fazer um bebê em proveta, portanto por um meio artificial, é gastar tempo, dinheiro, que poderiam ser gastos em coisas mais aproveitáveis. Agora, como experiência científica, realmente é um fato assombroso.

Como católico, que sou, confesso, porque só devemos acatar o que é natural, o que Deus proporcionou ao ser humano e tudo que foge da normalidade, não deve ser levado à frente.

Dr. DOUGLAS ABDON BRAUN, Médico, Diretor do Hospital das Clínicas de Bragança e Capangema

Ainda não entendi bem, não o desenvolvimento natural das ciências, mas a necessidade do espalhar fato noticioso, como se fosse a única "descoberta" neste sentido. Não é minha intenção desenvolver ou minimizar o ato, mas pelo que me parece o processo de atenuação da célula, ainda foi o mesmo que Adão usava nas horas de folga, logo acho que não é de "proveta", mas algo relacionado ao punho, concorda... Além do mais, descoberta mesmo seria fazer sem o concurso do homem e mulher, neste período de História em que se banaliza e desvaloriza o ato sublime da participação do homem na criação.

Sra. Sebastiana Fonseca Pereira, mãe de família, Escrivã Titular do Cartório de 1ª Ofício da Comarca de Bragança

Eu acho, quer como mãe de família, quer como pessoa que ocupa uma função no Judiciário, totalmente sem fundamento essa criação científica. Não vejo, francamente, a razão de ser de tudo isso, porque devemos ter certeza e creança nos desígnios de Deus Todo Poderoso. Se Ele quiser que uma mulher conceba por meios naturais, tudo bem, mas se não for dado a ela, essa situação, naturalmente que ela deve se conformar com o fato. Como católica praticante, compreendo assim e tenho certeza de que a experiência não vai vingiar, como não vingará todas as experiências que venham violentar a natureza humana.

Dra. Maria Lúcia Barroso - advogada, solteira. Em particularmente considero essa evolução da ciência, como magnífica. Mas quanto a essa pesquisa sobre o bebê de proveta, não sou muito favorável, pelo fato de muitas terem o poder de conceber - não usarem desse meio, por mero capricho, por vaidade apenas.

Ser mãe, no meu entender é conceber seu próprio filho, criado no seu ser; é simplesmente uma coisa divina, não vejo porque muitas fugirem dessa condição tão natural. Para passar a usar um método anti-natural.

Manoel Santiago Filho, contabilista prático e Suplente de Vereador

E preciso saber o que os cientistas querem: com essa terrível descoberta. São cientistas que desejam descobrir o segredo da vida, agora e depois o segredo da morte, mas esse controle só é dado a Deus. Não vejo com tranquilidade essa solução quando existe o meio natural, que todo nós conhecemos. Por que esses cientistas não inventam um meio de alimentar milhões de famintos do mundo inteiro, por que eles não tentam descobrir um meio de curar essas moléstias que vêm consumindo a própria vida do povo? É uma pergunta que eu gostaria de fazer pessoalmente para eles. Vamos esperar, para ver em que vai dar tudo isso e se esse bebê de proveta vai se desenvolver normalmente.

ANTÔNIO ZAGARIAS DO ROSÁRIO BATISTA - Agente Substituto do IAPAS de Bragança

Cientificamente foi um fato realmente notável, pela oportunidade que passa a proporcionar aos casos menos afortunados de concretizarem o sonho dourado, que é justamente o nascimento do fruto do seu amor.

Resta-nos, no entanto, a incerteza nos dias futuros, se essa experiência não irá produzir efeitos negativos. Deus que tenha piedade de nós.

Fonte: Coleção “Jornal do Caeté”, acervo da família Medeiros, edição nº 1649 (1978, p.6).

O “Jornal do Caeté” era um veículo de informações muito bem aceito pela sociedade local e região, refletindo-se como um instrumento inovador e de grande influência para o progresso da cidade Bragantina sendo reconhecido como utilidade pública pela Câmara municipal de Bragança no dia 26/11/1974. Nesses termos, a prefeitura de Bragança criou a lei n. 2 135:

Concede ao JORNAL DO CAETÉ, órgão que se edita em Bragança e circulação regional o reconhecimento de utilidade pública e dá outras providências.

A câmara municipal de Bragança, estatui e eu sanciono e público a seguinte lei:

Art. 1º. Fica Reconhecido como de UTILIDADE PÚBLICA o órgão de imprensa bragantina “JORNAL DO CAETÉ”, de propriedade de “JORNAL DO CAETÉ”, que se edita nesta cidade e tem circulação regional, pelos ótimos serviços prestados a cultura e ao progresso do povo Bragantino.

Art. 2º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Bragança, 26 de novembro de 1979.

Emilio Dias Ramos (Prefeito Municipal) (RAMOS; Jornal do Caeté, 1978, p.10).

O “*Jornal do Caeté*” também recebeu o honroso título de HONRA AO MERITO, aprovado por unanimidade na Câmara municipal de Bragança pelos relevantes serviços prestados ao povo bragantino e pelo grande trabalho realizado como autêntico e credenciado órgão de defesa do municipalismo.

O projeto de lei foi proposto pelo vereador Raimundo Ramos de Lima, representante da bancada da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e jovem líder político. Foi aprovado na câmara municipal de Bragança no dia 23 de maio de 1978:

FRANCISCO OTAVIO DE SOUSA

2º Secretário da Câmara

PROJETO DE LEI Nº 2880/78

Bragança, 23 de maio de 1978

CONCEDE O TÍTULO DE “HONRA AO MÉRITO” E DA OUTRAS PROVIDÊNCIAS A Câmara Municipal de Bragança estatui e eu sanciono a seguinte Lei

Art. 1º - Fica concedido ao Semanário bragantino “Jornal do Caeté”, o Título de Honra ao Mérito como reconhecimento deste Poder Legislativo aos relevantes serviços prestados a Bragança.

Art. 2º – O poder legislativo, em consonância com o Poder Executivo providenciará a realização de uma sessão solene a entrega oficial da Comenda.

Art. 3º – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação; revogadas as disposições em contrário.

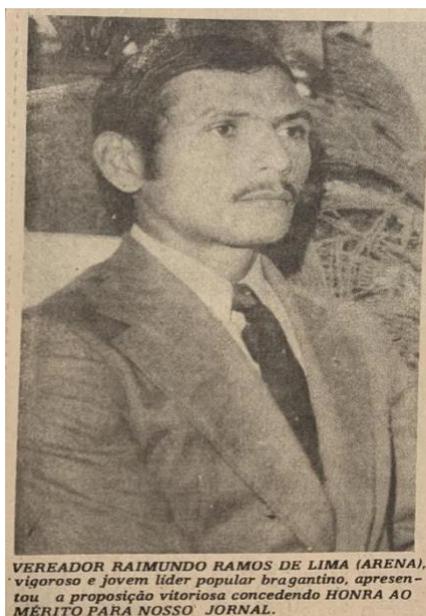
Gabinete do Prefeito Municipal de Bragança, 23 de maio de 1978 Emilio Dias Ramos – Prefeito Municipal

Publicada

Secretaria Municipal de Administração, 23 de maio de 1978

Landolfo Bittencourt de Souza – Secretário Municipal de Administração. (RAMOS; JORNAL DO CAETÉ, 1978, p.10).

Figura 27 - Página do exemplar do “*Jornal do Caeté*”



Fonte: Coleção “*Jornal do Caeté*”, acervo da família Medeiros, Nº 1.638 1978, p.10).

Figura 28 - Diploma de Honra ao mérito concedido ao “*Jornal do Caeté*”



Fonte: Coleção “*Jornal do Caeté*”, acervo da família Medeiros. (1976, p.01).

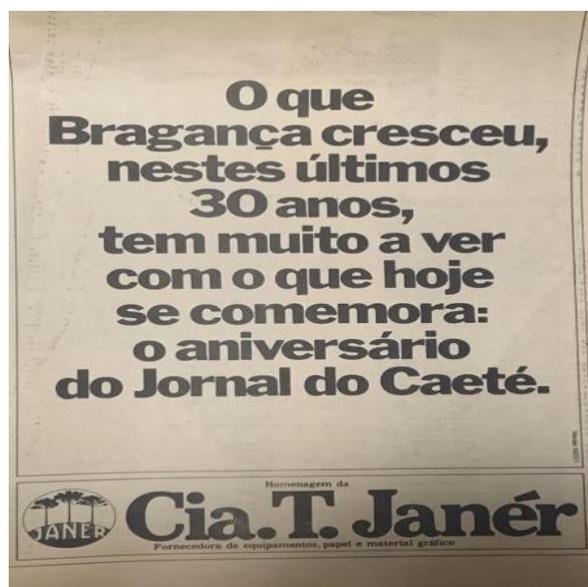
O “*Jornal do Caeté*” também recebeu Diploma de amigo da educação concedido pelo Governo do Estado do Pará através da Secretaria de Estado de Educação:

Figura 29- Diploma do Amigo da Educação concedido ao “*Jornal do Caeté*”



Fonte: Coleção “*Jornal do Caeté*”, acervo da família Medeiros (1982, p.01).

Figura 30 - Página do exemplar do “*Jornal do Caeté*”. Edição de comemoração aos 30 anos do Jornal.

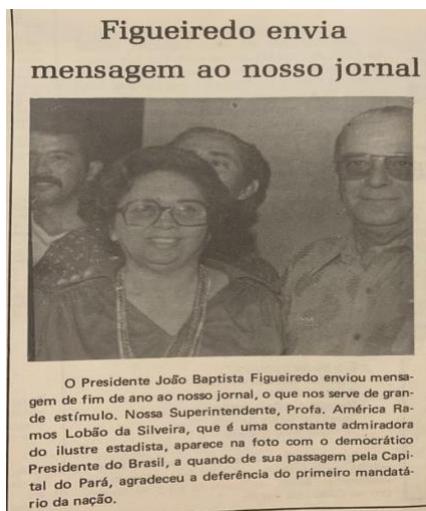


Fonte: Coleção “*Jornal do Caeté*”, acervo pessoal da família Medeiros, edição Nº 1.536, 1976, p.11-18.

O “*Jornal do Caeté*” extrapolou os limites bragantinos para além das fronteiras estaduais, tendo seus serviços prestados a sociedade e reconhecidos nacionalmente por estadistas do Brasil, como o ex-presidente da República Juscelino Kubitschek

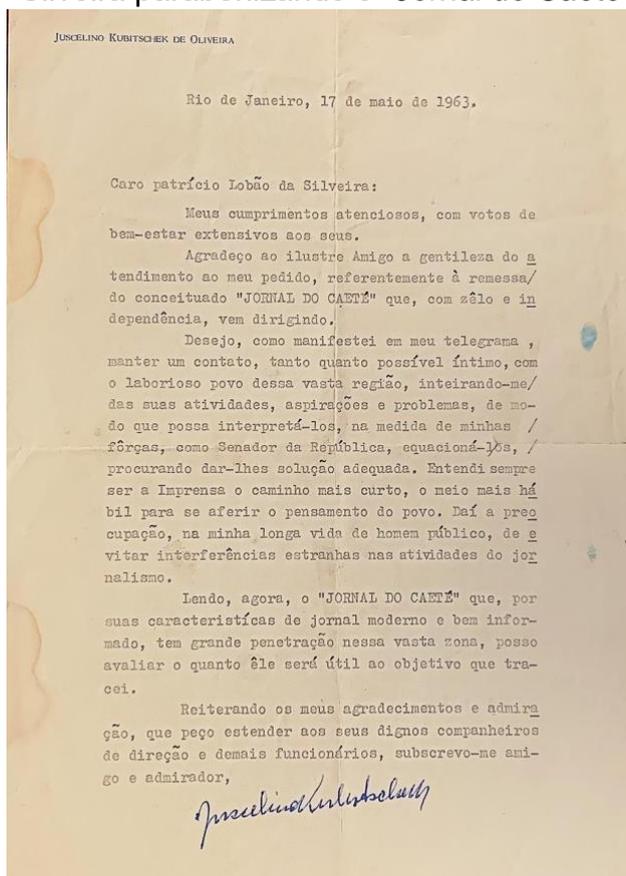
de Oliveira e o ex-presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo:

Figura 31 - Notícia “*Jornal do Caeté*”



Fonte: Coleção Jornal do Caeté, acervo da família Medeiros, edição Nº 1.699 (1979, p.1–31)

Figura 32 - Carta de Juscelino Kubitschek de Oliveira a Joaquim Lobão da Silveira parabenizando o “*Jornal do Caeté*”



Fonte: Coleção Jornal do Caeté, acervo da família Medeiros, 1963, p.01.

CAPÍTULO II

2 Trajetória da Coleção do “*Jornal do Caeté*”

Coleção, para Arruda e Chagas, é “um número de livros ou outros documentos de um assunto, de pessoas ou organizações” (2002, p.59). Algumas características são levadas em consideração para reunir tais documentos como: procedência, assunto, objetivo, função, modo de aquisição, tipo de documento, periodicidade, entre outras.

A Coleção do “*Jornal do Caeté*” foi formada através da incorporação de um conjunto de documentos oriundos dos proprietários do “*Caeté Jornal*” e “*Jornal do Caeté*”, que, ao longo de toda sua existência, guardaram praticamente todas as edições do semanário.

O herdeiro dessa coleção foi o filho dos fundadores do jornal, Celso Luiz Ramos de Medeiros. Celso, sabendo da importância do jornal para a história de sua família e de sua cidade natal, mandou encadernar os exemplares do jornal em livros de capa dura e os dividiu por ano e edição na tentativa de preservar e organizar essa coleção. Após encadernação, a coleção foi guardada em um armário de madeira em um apartamento localizado na cidade de Belém - PA onde permaneceu por muitos anos. Sabemos que o local de armazenamento da coleção foi completamente inapropriado.

Ao decidir começar esse projeto de pesquisa, fomos buscar parte da coleção em Belém. Agora, ela se encontra na cidade de Brasília e continua sem as condições de armazenamento recomendadas.

A outra parte da coleção foi doada para a Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Bragança, e está aos cuidados do Prof. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva.

2.1 A coleção “*Jornal do Caeté*”

Neste trabalho, contamos com 249 edições encadernadas em 4 volumes do periódico “*Caeté Jornal*” e 81 edições do periódico “*Jornal do Caeté*” encadernadas em um único volume. Também contamos com 6 edições em folhas avulsas não encadernadas. Os documentos possuem dimensões muito diversificadas. Toda a coleção está em suporte papel e apresentam-se no formato tabloide. A coleção está

organizada por nome do jornal, número da edição, quantidade de páginas, e ano de publicação conforme listado no quadro abaixo:

Quadro 1- Organização das edições do Caeté Jornal/Jornal do Caeté

Jornal	Edição	Páginas	Ano
Caeté Jornal	5	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	6	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	7	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	8	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	9	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	10	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	11	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	12	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	13	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	14	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	15	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	16	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	17	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	18	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	19	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	20	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	21	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	22	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	23	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	24	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	25	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	26	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	27	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	28	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	29	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	30	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	31	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	32	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	33	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	34	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	35	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	36	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	37	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	38	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	39	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	40	4	1929 a 1931

Caeté Jornal	41	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	43	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	42	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	44	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	46	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	47	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	48	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	49	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	50	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	51	8	1929 a 1931
Caeté Jornal	52	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	53	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	54	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	55	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	56	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	57	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	58	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	59	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	60	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	61	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	62	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	63	6	1929 a 1931
Caeté Jornal	64	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	65	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	66	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	67	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	68	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	69	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	70	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	71	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	156	4	1929 a 1931
Caeté Jornal	218	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	219	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	220	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	221	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	222	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	223	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	224	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	226	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	227	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	228	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	229	4	1934 e 1935

Caeté Jornal	230	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	231	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	232	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	233	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	234	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	235	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	236	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	237	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	238	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	239	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	240	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	241	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	242	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	243	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	244	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	245	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	246	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	247	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	248	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	249	12	1934 e 1935
Caeté Jornal	251	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	250	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	252	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	253	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	254	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	255	7	1934 e 1935
Caeté Jornal	256	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	257	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	258	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	259	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	260	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	261	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	262	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	263	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	264	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	265	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	266	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	267	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	269	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	270	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	271	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	272	4	1934 e 1935

Caeté Jornal	273	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	274	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	275	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	276	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	277	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	278	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	279	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	280	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	281	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	282	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	284	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	285	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	286	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	287	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	288	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	289	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	290	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	291	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	292	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	293	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	294	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	295	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	296	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	297	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	298	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	299	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	300	11	1934 e 1935
Caeté Jornal	301	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	302	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	303	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	304	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	305	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	306	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	307	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	308	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	309	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	310	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	311	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	312	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	313	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	314	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	315	4	1934 e 1935

Caeté Jornal	317	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	318	4	1934 e 1935
Caeté Jornal	115	4	1932
Caeté Jornal	119	4	1932
Caeté Jornal	123	4	1932
Caeté Jornal	124	4	1932
Caeté Jornal	225	4	1934
Caeté Jornal	126	4	1932
Caeté Jornal	129	4	1932
Caeté Jornal	130	4	1932
Caeté Jornal	131	4	1932
Caeté Jornal	133	4	1932
Caeté Jornal	135	4	1932
Caeté Jornal	138	4	1932
Caeté Jornal	139	4	1932
Caeté Jornal	140	4	1932
Caeté Jornal	141	4	1932
Caeté Jornal	142	4	1932
Caeté Jornal	143	4	1932
Caeté Jornal	144	4	1932
Caeté Jornal	145	8	1932
Caeté Jornal	146	4	1932
Caeté Jornal	147	4	1932
Caeté Jornal	148	4	1932
Caeté Jornal	149	4	1932
Caeté Jornal	151	4	1932
Caeté Jornal	152	4	1932
Caeté Jornal	153	4	1932
Caeté Jornal	154	4	1932
Caeté Jornal	155	4	1932
Caeté Jornal	156	4	1932
Caeté Jornal	157	4	1932
Caeté Jornal	158	4	1932
Caeté Jornal	159	4	1932
Caeté Jornal	165	8	1933
Caeté Jornal	166	4	1933
Caeté Jornal	167	4	1933
Caeté Jornal	168	4	1933
Caeté Jornal	169	4	1933
Caeté Jornal	170	4	1933
Caeté Jornal	171	4	1933
Caeté Jornal	172	4	1933

Caeté Jornal	173	4	1933
Caeté Jornal	174	4	1933
Caeté Jornal	175	4	1933
Caeté Jornal	176	4	1933
Caeté Jornal	177	4	1933
Caeté Jornal	178	4	1933
Caeté Jornal	179	4	1933
Caeté Jornal	180	4	1933
Caeté Jornal	181	4	1933
Caeté Jornal	182	4	1933
Caeté Jornal	183	4	1933
Caeté Jornal	184	4	1933
Caeté Jornal	185	4	1933
Caeté Jornal	186	4	1933
Caeté Jornal	187	6	1933
Caeté Jornal	188	6	1933
Caeté Jornal	189	4	1933
Caeté Jornal	190	4	1933
Caeté Jornal	191	4	1933
Caeté Jornal	192	4	1933
Caeté Jornal	193	4	1933
Caeté Jornal	194	6	1933
Caeté Jornal	195	4	1933
Caeté Jornal	196	4	1933
Caeté Jornal	197	12	1933
Caeté Jornal	198	4	1933
Caeté Jornal	199	4	1933
Caeté Jornal	200	6	1933
Caeté Jornal	201	4	1933
Caeté Jornal	202	4	1933
Caeté Jornal	203	4	1933
Caeté Jornal	204	4	1933
Caeté Jornal	205	4	1933
Caeté Jornal	206	4	1933
Caeté Jornal	207	4	1933
Caeté Jornal	208	4	1933
Caeté Jornal	209	4	1933
Caeté Jornal	210	6	1933
Caeté Jornal	211	4	1933
Caeté Jornal	212	4	1933
Caeté Jornal	213	4	1933
Caeté Jornal	214	4	1933

Caeté Jornal	215	4	1933
Caeté Jornal	216	4	1933
Jornal do Caeté	1665	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1664	4	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1674	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1675	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1676	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1677	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1678	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1679	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1680	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1681	7	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1682	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1683	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1684	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1685	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1686	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1687	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1688	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1689	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1690	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1691	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1692	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1693	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1694	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1695	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1696	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1697	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1698	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1699	17	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1700	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1701	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1702	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1703	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1704	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1705	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1706	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1707	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1708	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1709	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1710	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1711	8	1979 e 1980

Jornal do Caeté	1712	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1713	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1714	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1716	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1717	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1718	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1719	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1720	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1721	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1722	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1723	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1724	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1725	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1726	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1727	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1728	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1729	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1730	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1731	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1732	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1733	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1735	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1736	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1736	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1737	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1738	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1739	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1740	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1741	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1742	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1743	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1744	8	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1745	10	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1746	7	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1747	16	1979 e 1980
Jornal do Caeté	1483	6	1975
Jornal do Caeté	1475	6	1975
Jornal do Caeté	1649	20	1978
Jornal do Caeté	1536	24	1976
Jornal do Caeté	1678	20	1978
Jornal do Caeté	1649	10	1978

Organização da autora (2019).

Mediante a mensuração da coleção “*Jornal do Caeté*” é notável como já foi exemplificado no capítulo anterior, a riqueza desse material pela pluralidade de assuntos e suas subdivisões que possibilitam aos pesquisadores um grande campo de estudo em todas as áreas do conhecimento.

Para Monteiro, Carelli e Pickler (2008, p.14), o estudo da memória recai sobre a preservação: “[...] A preservação é a garantia de guarda e recuperação da memória”.

Por essa razão, iremos propor um diagnóstico da coleção do “*Jornal do Caeté*” pois são as ações de conservação e preservação da documentação em suporte papel que irão viabilizar a sobrevivência da memória desse material para posterior recordação por parte da sociedade.

2.2 Papel⁹

2.2.1 Origens do papel

A origem do papel data do ano de 105 d.C. na China, se expandindo da Ásia para Europa e, em seguida para América; no século XVII o papel já havia se propagado para todo o mundo. A invenção do papel foi uma verdadeira revolução.

2.2.2 Composição do Papel

Segundo Spinelli, Brandão e França (2011, p. 6), o papel é constituído por uma união de fibras de origem vegetal já refinadas e tratadas com outros materiais adicionados (colas, cargas, pigmentos etc). As fibras sobrepõem-se e são prensadas entre placas de feltro em grandes prensas formando-se uma lâmina a qual chamamos de papel. Materiais como algodão, cânhamo e o linho podem ser utilizados na confecção do papel, porém o material mais utilizado são os produzidos diretamente a partir de fibras tratadas e refinadas procedentes da madeira.

2.2.3 Papel de jornal

⁹ Os conceitos descritos na sessão 2.2 (2.2.1 Origens do papel; 2.2.2 Composição do papel e 2.2.3 Papel de Jornal) foram embasados no Manual Técnico de Preservação e Conservação. SPINELLI, Jayme; BRANDÃO, Emiliana; FRANÇA, Camila. **Manual técnico de preservação e conservação: documentos extrajudiciais**. [Rio de Janeiro]: Fundação Biblioteca Nacional, 2011. Disponível em: <http://folivm.files.wordpress.com/2011/04/manual-an-bn-cnj-2011-c3baltima-versc3a3o-2p-folha.pdf>. Acesso em: 09 Nov. 2019.

Spinelli, Brandão e França (2011, p. 9), definem as características do papel jornal “[...] O papel utilizado para a fabricação de jornal tem sua composição a base de madeira desfibrada mecanicamente e quimicamente branqueada, razão pela qual apresenta uma grande quantidade de lignina”. Ainda segundo Spinelli, Brandão e França (2011, p. 9), o papel de jornal é menos resistente e mais suscetível a ação do tempo; o papel tende a tornar-se ácido, amarelado e passa a ser quebradiço, tudo isso devido a inferioridade da polpa de celulose que contém impurezas que não são retiradas no momento da fabricação do papel jornal”.

Essa ação do tempo que é maximizada pela falta de conservação adequada, algo que se pode perceber na coleção do “*Jornal do Caeté*”, que apresenta páginas amareladas, quebradiças, perda de conteúdo e esmaecimento da tinta. Devemos lembrar que o jornal em papel era algo para leitura imediata e posterior descarte, portanto não havia a compreensão que se tem hoje de que os jornais podem ser fontes de pesquisa e estudo para uma diversidade de áreas de conhecimento.

2.3 Conservação e preservação

Para elaborarmos um diagnóstico para a problemática da Coleção Jornal do Caeté, se faz necessário, antes de tudo, o entendimento de alguns conceitos do setor de preservação e conservação.

2.3.1 Preservação

Preservação pode ser descrita, de modo geral, como um conjunto de medidas que tem o objetivo de aumentar a expectativa de vida de acervos culturais com vista a disponibilizá-los para as gerações atuais e futuras. Para Cassares (2000, p. 12), preservação “[...] é um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais”.

2.3.2 Conservação

Os membros do Comitê de Conservação do International Council of Museums (ICOM-CC) adotaram uma terminologia simples e coerente para a área de

conservação com o intuito de facilitar a comunicação e cooperações interinstitucionais para a divulgação e disseminação de conhecimentos produzidos na área, uma vez que a mesma palavra pode ter significados diferentes em lugares diferentes.

A resolução do ICOM-CC, intitulada de “Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage” estabeleceu quatro definições: conservation (conservação), preventive conservation, remedial conservation e restoration.

Conservação:

Todas as medidas e ações destinadas a salvaguardar do patrimônio cultural tangível ao mesmo tempo garantindo acessibilidade as gerações atuais e futuras. Conservação abrange conservação preventiva, conservação curativa e restauração. Todas as medidas e ações devem respeitar o significado e as propriedades físicas do item de patrimônio cultural.

Conservação Preventiva:

Todas as medidas e ações destinadas a evitar e minimizar futuras deteriorações ou perdas. Elas são realizadas no contexto ou nos arredores de um item, mas com mais frequência um grupo de itens, independentemente da idade e condição. Essas medidas e ações são indiretas - elas não interferem nos materiais e estruturas dos itens. Elas não modificam sua aparência.

Restauração Curativa:

Todas as ações aplicadas diretamente a um item ou a um grupo de itens que visam interromper os processos prejudiciais atuais ou reforçar sua estrutura. Essas ações são executadas apenas quando os itens estão em uma condição tão frágil ou se deterioram a um ritmo que podem ser perdidos em um tempo relativamente curto. Essas ações às vezes modificam a aparência dos itens.

Restauração :

Todas as ações aplicadas diretamente a um item único e estável, com o objetivo de facilitar sua apreciação, entendimento e uso. Essas ações são executadas somente quando o item perdeu parte de seu significado ou função por alteração ou deterioração passada. Eles são baseados no respeito ao material original. Na maioria das vezes, essas ações modificam a aparência do item. (ICOM-CC – tradução nossa, 2008, p.01).

Cassares (2000, p. 12) elucida conservação como “[...] um conjunto de ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou objetos, por meio de controle ambiental e tratamentos específicos (higienização, reparo e acondicionamento)”.

2.3.3 Conservação preventiva

Segundo Silva (2004), conservação preventiva são o conjunto de medidas que retardam a deterioração dos documentos, aprimorando, desta forma, as áreas de armazenamento dos mesmos através do controle de ambiente.

Compreende-se a conservação preventiva como um conjunto de intervenções que tardam o dano nos documentos. Devemos entender também que é relevante evitar que o material chegue ao ponto de ser restaurado. Sendo assim, precisamos propiciar condições ambientais favoráveis para a vida útil dos documentos, utilizando equipamentos para obtenção de um clima estável dentro dos parâmetros adequados à preservação.

Para Spinelli, Brandão e França (2011, p. 4), conservação preventiva é “[...] o conjunto de medidas e estratégias administrativas, políticas e operacionais que contribuem direta ou indiretamente para a conservação da integridade dos acervos e dos prédios que os abrigam.

2.3.4 Restauração

Segundo Costa, a definição de restauração é:

[...] um conjunto de medidas que objetivam a estabilização ou a reversão de danos físicos ou químicos adquiridos pelo documento ao longo do tempo e do uso, intervindo de modo a não comprometer sua integridade e seu caráter histórico. (COSTA, 2000, p.03).

Os documentos e obras que sofrem danos por meio de agentes físicos e/ou biológicos passam por tratamentos específicos, como, por exemplo, a restauração. O processo de restauração busca resgatar a vitalidade do documento.

2.4 Agentes de degradação do papel

2.4.1 Internos

Segundo Costa (2000, p. 3), “Estão ligados diretamente a composição do papel tais como: tipo de fibras, tipo de encolagem, resíduos químicos não eliminados, partículas metálicas, ou seja, todos os componentes que fazem parte do papel.”

2.4.2 Externos

Para Costa (2000, p. 3), “São os agentes físicos e biológicos, tais como: radiação ultravioleta, temperatura e umidade relativa, poluição, micro-organismos, insetos, roedores, o homem, etc.”

2.4.3 Agentes físicos¹⁰

Costa (2003) em seu manual “Noções básicas de conservação preventiva de documentos” nos apresenta dois agentes físicos de degradação do papel:

Quadro 2 – Agentes físicos

Agente	Risco Associado
Luz (Radiação ultravioleta UV e infravermelha IV)	<ul style="list-style-type: none"> - Causa danos irreversíveis; - Oxidação da celulose; - Ação clareadora (desbotamento ou amarelamento) de papeis; - Esmacimento da tinta; - Acelera a degradação da lignina; - “Quebra da estrutura molecular do papel resultando no seu enfraquecimento, ou seja, acelera o seu envelhecimento”;
Temperatura e umidade relativa incorretas > 70% < 30%	<ul style="list-style-type: none"> - Proliferação e desenvolvimento de agentes biológicos; - Aceleração da Degradação ácida; - “Contração e alongamento dos elementos que compõem o papel” causando inchasso nas fibras de celulose deformando os volumes;

2.4.4 Agentes químicos¹¹

COSTA (2003) em seu manual “Noções básicas de conservação preventiva de documentos” nos apresenta dois agentes químicos de degradação do papel:

Quadro 3 – Agentes químicos

Agente	Risco Associado
Poluição ambiental	<ul style="list-style-type: none"> - Poluentes contribuem para a deterioração; - “Os gases formam os poluentes mais reativos e perigosos para os documentos”;

¹⁰ As definições presentes no quadro do tópico 2.4.3 podem ser acessadas em COSTA, M. F. Noções básicas de conservação preventiva de documentos. [Rio de Janeiro]: FIOCRUZ, 2003, p. 1-14. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/normas_conservacao_fio_cruz_1358966008.pdf. Acessado em: 09 nov. 2019.

¹¹ As definições presentes no quadro do tópico 2.4.4 podem ser acessadas em COSTA, M. F. **Noções básicas de conservação preventiva de documentos**. [Rio de Janeiro]: FIOCRUZ, 2003, p. 1-14. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/normas_conservacao_fio_cruz_1358966008.pdf. Acessado em: 09 nov. 2019.

Poeira	<ul style="list-style-type: none"> - Sujidade; - Favorece a deterioração; - Acelera a acidificação e a oxidação; - Modifica a estética dos documentos; - Possui ação cortante e abrasiva; - Pó atinge até mesmo o interior da fibra;
---------------	--

Fonte: Sistematização dos conceitos de Costa (2003).

2.4.5 Agentes físicos mecânicos¹²

COSTA (2003) em seu manual “Noções básicas de conservação preventiva de documentos” nos apresenta agentes físicos mecânicos de degradação do papel:

Quadro 4 – Agentes físicos mecânicos

Guarda inadequada	“Encadernações mal realizadas ou em mal estado, não protegem os documentos e permitem a penetração do pó e de poluentes. A guarda inadequada em caixas super lotadas ocasiona também a compactação dos papéis que, além de sofrerem rasgos e amassarem durante a retirada e reposição, favorecem a infestação de insetos e micro-organismos. As embalagens não devem ser feitas de papel ácido, tipo kraft, que contém lignina, enxofre e acidez, os quais migram para os documentos. As amarrações com barbante provocam tensão e favorecem o corte das margens dos documentos.”
Manuseio incorreto	“Os problemas de manuseio não se limitam apenas no momento em que os documentos estão nas mãos do usuário. Deve ser analisado todo o percurso, de ida e volta, entre a estante, a sala de consultas e de reprodução. Isto depende do treinamento de funcionários e usuários, ou seja, de todo um planejamento de conservação.”
Desastres	“Os desastres constituem os fatores de maior gravidade na destruição dos documentos. Danos provocados pelo fogo e água podem estar ligados a causas naturais, como terremotos, vulcões, furacões, fortes tempestades, raios, descargas elétricas, inundações” e etc.

Fonte: Sistematização dos conceitos de Costa (2003).

2.4.6 Agentes biológicos¹³

¹² As definições presentes no quadro do tópico 2.4.5 podem ser acessadas em COSTA, M. F. **Noções básicas de conservação preventiva de documentos**. [Rio de Janeiro]: FIOCRUZ, 2003, p. 1-14. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/normas_conservacao_fio_cruz_1358966008.pdf. Acesso em: 09 Nov. 2019.

¹³ As definições presentes no quadro do tópico 2.4.6 podem ser acessadas em COSTA, M. F. **Noções básicas de conservação preventiva de documentos**. [Rio de Janeiro]: FIOCRUZ, 2003, p. 1-14. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/normas_conservacao_fio_cruz_1358966008.pdf.

Costa (2003) em seu manual “Noções básicas de conservação preventiva de documentos” nos apresenta agentes biológicos de degradação do papel:

Quadro 5 – Agentes biológicos

Agente	Risco Associado
Micro-organismos: bactérias e fungos	<ul style="list-style-type: none"> - Aparecimento de manchas de várias cores, intensidades e conformações; - Aceleram os processos de degradação da celulose e de colas; - Transformação das características físicas e químicas do suporte;
Insetos: traças, baratas, cupins, brocas e piolhos	<ul style="list-style-type: none"> - Estragos de grande intensidade durante tempos relativamente curtos; - São difíceis de combater pois podem adquirir resistência aos inseticidas com o passar do tempo; - Presença de excrementos tóxicos; - Enfraquecimento de estruturas; - Manchas permanentes; - Danos nas superfícies e nas margens (perfurações, cortes, rasgos, manchas); - Perda de conteúdo;
Roedores	<ul style="list-style-type: none"> - Estragos irreparáveis a coleção; - Transmissão de doenças ao homem (leptospirose, hidrofobia etc.);

Fonte: Sistematização dos conceitos de Costa (2003).

2.5 Diagnóstico de conservação

O principal objetivo específico deste trabalho é apresentar técnicas para a conservação de jornais em suporte papel com vista a sua disponibilização para acesso, pesquisa e usufruto às gerações atuais e futuras considerando como estudo particular o “*Jornal do Caeté*”,

Assim sendo, uma das ferramentas disponíveis na literatura de conservação é a realização de um diagnóstico de conservação capaz de orientar procedimentos a curto, médio e longo prazo.

O diagnóstico é a primeira etapa de todo o processo de conservação, por isso, deve ser feito antes da realização de qualquer tipo de tratamento. É nesta etapa que

é realizado um levantamento detalhado das condições físicas de cada exemplar. Ele também é decisivo para a definição de qual documento deve ser tratado primeiro, assim como qual será selecionado, baseado na pertinência da publicação.

O objetivo de um diagnóstico é desenvolver soluções práticas, eficientes e sustentáveis para as adversidades que afetam as coleções.

2.6. Conservação do Jornal do Caeté

Este trabalho contou com a observação direta da “Coleção Jornal do Caeté”, analisando seu estado a partir da revisão de literatura. Para a realização do procedimento de restauração foi escolhido o documento mais antigo e com maior situação de risco e integridade física. Todos os procedimentos foram realizados no Laboratório de Prevenção, Conservação e Restauração – **LACON** do curso de museologia da Universidade de Brasília com o auxílio da professora especialista em conservação Silmara Küster e registrados em imagens fotográficas. Os resultados foram apresentados textualmente e relacionados com os referenciais teóricos que fundamentam esta pesquisa.

2.6.1 Descrição do Estado de Conservação

A coleção compreende periódicos em suporte papel jornal em formato tabloide (7 cm x 40 cm) e está sujeita a deterioração causada por agentes agressores intrínsecos e extrínsecos.

Os danos identificados na coleção “Jornal do Caeté” são:

Quadro 6- Danos da Coleção

Dano Identificado	Quantidade
Acidificação	1158
Deformação por acondicionamento inadequado	-
Encadernação grampeada	0
Reforços inadequados	1
Danos na capa	0
Soltura de encadernação a base de cola	0
Ferragens oxidadas	0
Rasgos	110
Fungos	-
Reforços com fita adesiva	0

Lombada solta	0
Costura rompida	0
Folhas dobradas	86
Diluição da encolagem da encadernação	0
Danos na sobrecapa	-
Manchas de umidade	-
Guardas soltas	0

Fonte: O autor, (2019).

A acidificação é o dano mais sintomático da coleção “*Jornal do Caeté*”, tanto pela sua seriedade quanto pela sua incidência. O “*Jornal do caeté*” é uma coleção que já completa cerca de 90 anos e foi produzida em um papel com polpa de madeira. Consta-se papéis quebradiços e com manchas. O processo de acidificação ainda certamente foi potencializado pelas condições ambientais desfavoráveis, comprometendo a sua durabilidade.

Unido a acidificação do papel, o armazenamento e o manuseio inadequado podem ser identificados como outro grande risco para a coleção. O mau armazenamento e as ações de forças físicas são um grande fator desencadeante de danos que afetam a estrutura do papel, causando rasgos, cortes e quebras. A Coleção “*Jornal do Caeté*” possui 110 rasgos e algumas rupturas. Os rasgos são rompimentos em parte do papel e não implicam em perda de conteúdo. Já as rupturas levam a perda de suporte comprometendo a integridade do documento e as informações.

É indispensável se pensar em planejar melhorias no armazenamento em termos de preservação e tratamento da Coleção “*Jornal do Caeté*” que auxiliem na proteção contra os agentes que agravam a acidificação do papel.

Outro dano a que a coleção “*Jornal do Caeté*” está sendo exposta diariamente é a incidência direta de luz, que agrava o processo de acidificação, sendo também responsável pela descoloração de elementos pigmentados.

Embora a coleção esteja bastante empoeirada, não foram encontrados indícios de fungos em nenhuma das edições. Também não foram encontrados indícios de ações de roedores. No processo de desencadernação da amostra do exemplar mais antigo e com maior risco de deterioração encontramos, ao soltar a lombada, excrementos de insetos.

A maior parte da Coleção “*Caeté Jornal*” está encadernada em capa dura, que auxilia na conservação das folhas. Já as 6 edições de jornal em folhas avulsas estão dobradas. Isto faz com que os danos sejam irreversíveis, uma vez que as dobras

causam ruptura das fibras do papel e a fragmentação das folhas ocasiona a perda de informações.

2.6.2 Propostas de acondicionamento

No dia 13/11 iniciamos no Laboratório de Preservação, Conservação e Restauração – LACON do curso de museologia da Universidade de Brasília localizado na Biblioteca Central – BCE o tratamento da Coleção “*Jornal do Caeté*”.

Foi escolhido para amostra e realização da restauração o exemplar mais antigo e que se encontra com maior risco de deterioração.

O exemplar que data dos anos 1934/1935 conta com 47 folhas e foi possível identificar os seguintes problemas:

1) Degradação química:

- Acidez;
- Manchas de umidade;
- Esmacimento da tinta na impressão;
- Tonalidades diferentes de tinta de impressão ao decorrer das edições. Foi possível identificar edições impressas em cores preta, vermelha e azul marinho.

2) Degradação física:

- Rasgos em todas as partes das folhas, tanto no meio quanto nas extremidades.;
- Perda de suporte;
- Dobras;
- Encadernamento inadequado.

3) Degradação Biológica

- Excrementos de insetos.
- Perda de suporte causada por insetos.

2.6.3 Proposta de tratamento: restauração

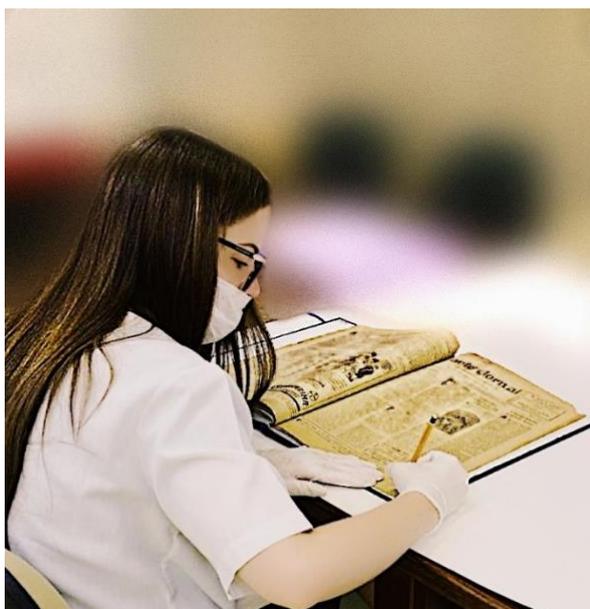
- 1) Desmontar a encadernação do jornal;
- 2) Testes químicos de solubilidade da tinta;
- 3) Tratamento aquoso;
- 4) Encolagem;
- 5) Pequenos reparos.

2.6.4 Descrevendo o processo

Por se tratar de um processo de restauração, devemos estar protegidos adequadamente. Por isso, utilizamos o jaleco, luvas e máscara; Em seguida, separamos os materiais que seriam utilizados.

A primeira etapa do processo realizado na amostra da edição do “*Jornal do Caeté*”, foi numerar cada página no canto superior utilizando um lápis macio, próprio para ser utilizado em restauração de documentos. Utilizamos o lápis alemão Koh – I – Noor Hardtmuth 1500 – 3B. Essa numeração deve ser feita, para que não se perca a ordem previamente estabelecida em cada encadernação, que segue uma sequência definida pelo número de edição e ano de publicação.

Figura 33 – Primeira etapa do processo.



Fonte: Acervo do autor, (2019).

A segunda etapa foi o processo de desencadernação. Com o auxílio de um bisturi, fizemos um corte na lombada e fomos descolando a encadernação. Foi um processo lento e de extremo cuidado, pois a cola e a capa deveriam ser retiradas do papel, sem danificá-lo.

Figura 34 - Segunda etapa do processo (Parte 1).



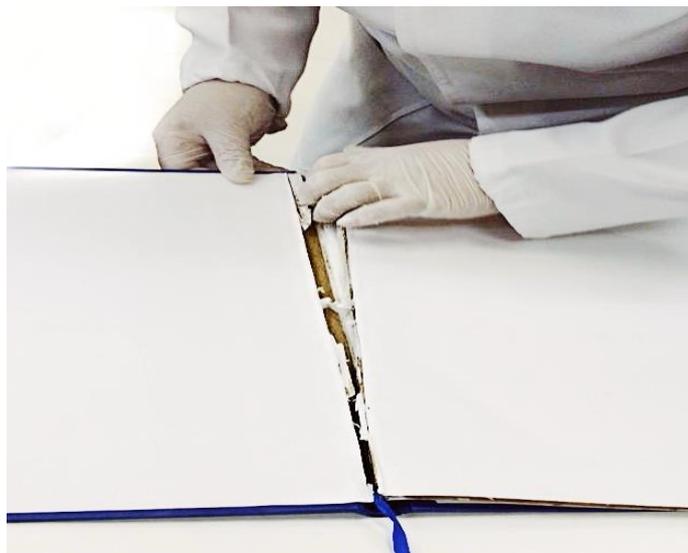
Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 35 - Segunda etapa do processo (Parte 2)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 36 - Segunda etapa do processo (Parte 3)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Como foi utilizado cola branca comum inadequada, ela estava bem dura, assim foi muito difícil soltar a linha de costura da encadernação que também ficou presa as folhas do jornal.

Figura 37 - O uso inadequado da cola



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Ao soltar a encadernação, fomos percebendo algumas informações que não havíamos conseguido notar quando o jornal ainda estava encadernado. Primeiro, quando soltamos a lombada, caiu muitos excrementos de insetos, que, até então, não tínhamos identificado nenhum.

Figura 38 - Encontrado excremento de insetos (parte 1)



Fonte: Acervo do autor, (2019)

Figura 39 - Encontrado excremento de insetos (parte 2)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Segundo, notamos furos na margem que identificamos como sendo possivelmente de uma primeira encadernação. Identificamos, assim, que o material tinha sido encadernado e havia sido reencadernado.

Figura 40 - Encadernação antiga (parte 1)



Fonte: Acervo do autor, (2019)

Figura 41 - Encadernação antiga (parte 2)



Fonte: Acervo do autor, (2019)

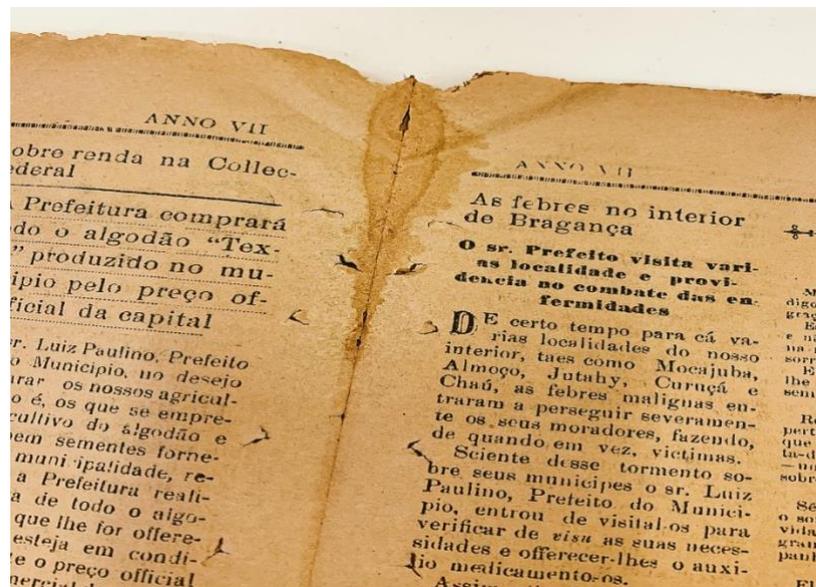
Podemos também notar manchas de umidade em algumas páginas causadas pelo acondicionamento inadequado.

Figura 42 - Manchas de umidade (parte 1)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 43 - Manchas de umidade (parte 2)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

As folhas estão extremamente acidificadas, fato esse justificado, como já foi explicado anteriormente, pelo papel jornal ser frágil e possuir muita lignina, que o torna quebradiço. A folha de rosto que foi colocada ao ser encadernado estava cheia de manchas de acidez, o que se justifica pela migração ácida que ocorre para papeis de melhor qualidade se colocados em contato com os danificados, comprometendo, assim, a sua durabilidade.

Figura 44 - Danificação por acidez (parte 1)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 45 – Migração Ácida



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Optamos por não fazer a higienização mecânica e sim diretamente iniciar a etapa do banho, por conta da fragilidade do papel. Assim, a terceira etapa constituiu no teste químico de solubilidade da tinta para verificar se a tinta usada é solúvel em água. O teste de solubilidade é feito utilizando a água deionizada e depois a água alcalina com pH 11.

Primeiro medimos o pH das duas águas utilizando uma fita indicadora de pH, para saber se estavam corretos para a partir de então, serem aplicadas no jornal. A água deionizada estava com o pH de seis (6). Já o pH da água alcalina estava 13, no momento que foi aferido. Para o banho foi utilizado água com o pH entre 11 e 12, para

ficar uma reserva alcalina. Todavia, para chegar a esse número, foi realizado um processo de diluição na água.

Figura 46 - Medindo o pH da água com a fita indicadora de pH.



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 47- Medindo o pH da água com a fita indicadora de pH.



Fonte: Acervo do autor, (2019).

O primeiro teste foi realizado na folha da contracapa, com os dizeres “Caeté Jornal 1934-1935 Bragança”, escritos com caneta esferográfica de tinta azul. Foi colocado uma folha de papel mata borrão, em baixo, para a umidade não passar para a folha seguinte. Molhamos o pincel, primeiro com a água deionizada e testamos sobre a escrita em um canto pequeno. Por se tratar de um teste, devemos ter o máximo de cuidado possível, porque não sabemos como a tinta utilizada da impressão vai reagir

e devemos evitar ao máximo a perda de conteúdo. Imediatamente a tinta, ao entrar em contato com a água, se tornou solúvel. Dessa forma, nesta primeira folha constatamos que não seria possível realizar o banho.

Figura 48 - Primeiro teste químico



Fonte: Acervo do autor, (2019).

O segundo teste químico de solubilidade de tinta foi realizado nas páginas do jornal com escrita na cor preta. Repetimos o mesmo processo do teste anterior. Porém dessa vez obtivemos outro resultado; a tinta se manteve intacta, o que nos comprovou que seria possível realizar o tratamento aquoso no jornal.

Figura 49 - Segundo teste químico



Fonte: Acervo do autor, (2019).

A próxima etapa do processo, foi o banho no jornal. Preparamos duas banheiras. A primeira banheira, com água deionizada para o banho de limpeza, pois ela retira as sujidades do papel. E a segunda banheira, com água deionizada fria +

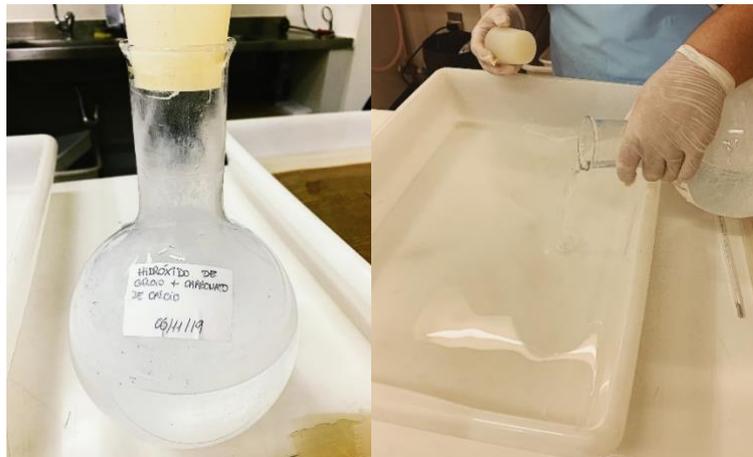
água deionizada morna, a 40°C, verificada no termômetro + hidróxido de cálcio, utilizado para deixar uma reserva alcalina na folha de papel.

Figura 50 - Etapas do banho do Jornal (parte 1)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 51 - Etapas do banho do Jornal (parte 2)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Também medimos o pH das águas utilizando a fita indicadora de pH e foi constatado que o pH da água era 11, ou seja, ela estava alcalina adequada para uso.

Figura 52 – Análise da fita indicadora de pH



fonte: Acervo do autor, (2019).

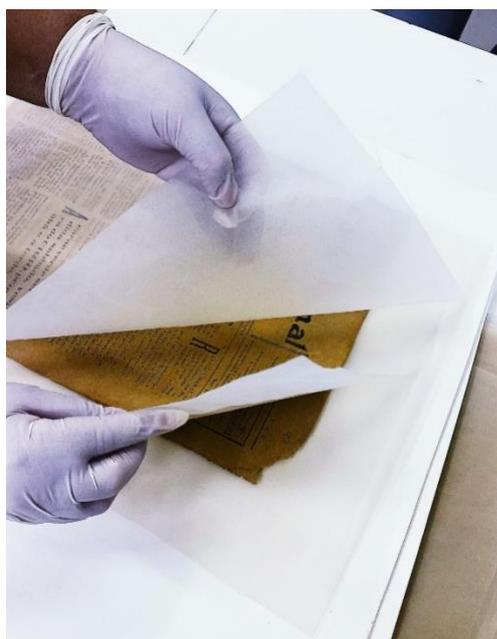
Como não possuíamos uma banheira grande para a folha do jornal optamos por entrefoliar todos os jornais com entretelas de nylon separados pela coloração da tinta de impressão.

Figura 53 – Entrefolhamento do Jornal com Nylon



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 54 - Entrefolhamento do Jornal com Nylon



Fonte: Acervo do autor, (2019)

O primeiro banho foi feito como uma folha de jornal de teste. Mergulhamos na água deionizada, da banheira número 1 e aguardamos 15 minutos.

Figura 55 - Banho com a folha teste



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Após os 15 minutos, retiramos o jornal da banheira 1, o colocamos na banheira 2 com a água deionizada de hidróxido e aguardamos por mais 10 minutos. O procedimento ocorreu perfeitamente bem. Então, dessa maneira, reunimos os jornais

em conjuntos, os adicionamos na água e repetimos o mesmo procedimento com toda a coleção, com tinta de impressão de cor preta.

Figura 56 - Folhas emersas



Fonte: Acervo do autor, (2019).

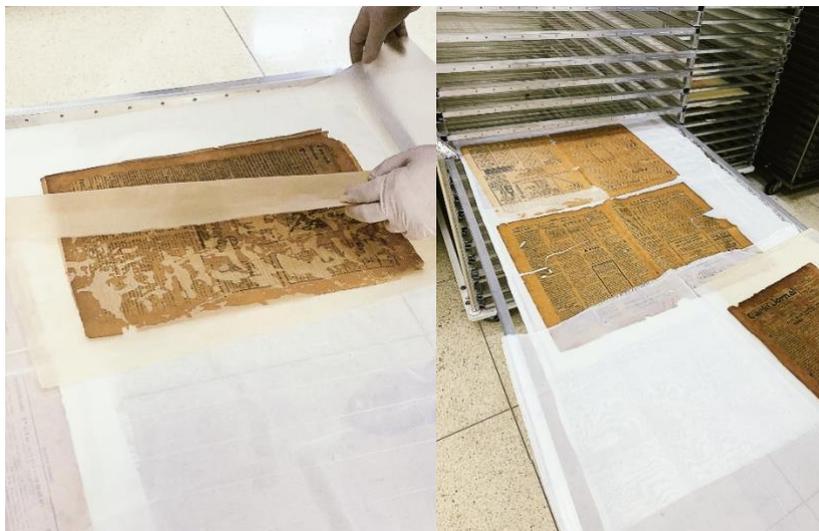
Após os 10 minutos do jornal mergulhado na segunda banheira, o retiramos e o colocamos em cima do mata borrão, para que a água fosse absorvida. Levamos os jornais para a secadora e com muito cuidado retiramos as folhas de nylon do entrefolhamento, assim como, o mata borrão. Deixamos os jornais em cima apenas de uma fina entretela de nylon, na secadora, por 48 horas, para que secasse totalmente.

Figura 57 - Folha na entretela de nylon



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 58 - Folhas do jornal em folhas de nylon



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Fizemos também a análise das águas após o procedimento. Além de bem amareladas, houve uma mudança considerável no pH. A água deionizada de limpeza da primeira banheira, no início estava com pH 6, após o procedimento ficou com pH 5,5. A água de hidróxido, da segunda banheira, no início estava com pH 11, e após o procedimento ficou com pH 7.

Figura 59 - pH final da água



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Retiramos os jornais da secadora após 48 horas, o entrefolhamos novamente com folhas de papel alcalino e o deixamos guardados, até que realizássemos o procedimento em todo o conjunto dos jornais.

A próxima etapa do processo foi a de reparos no suporte papel. Optamos por utilizar a máquina obturadora de papel (MOP), pois devido à grande quantidade de perda de suporte, seria muito trabalhoso fazer pequenos reparos com papel japonês. Sendo assim, utilizamos a máquina que é mais rápida e precisa para preencher os espaços faltantes.

A primeira etapa do processo para se utilizar a MOP é fazer a polpa do papel que será despejada nela. O papel utilizado para reintegração deve ter a cor e a gramatura próxima à da folha original. Utilizamos uma polpa com cor bem similar, feita de papel Ingres. Separamos a polpa e a deixamos hidratando na água deionizada.

Figura 60 - Escolhendo o papel adequado para preparo da polpa

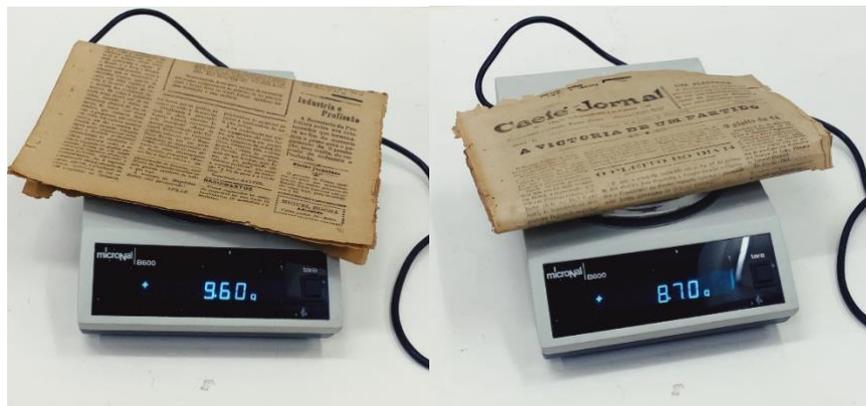


Fonte: Acervo do autor, (2019).

Para saber a quantidade de polpa necessária, para a reintegração do jornal, é necessário fazer um cálculo. Utilizamos uma fórmula já pré-definida e somente substituímos os dados.

Primeiro escolhemos e pesamos a folha que estava mais íntegra, essa chamada de folha padrão. Também escolhemos e pesamos a que estava mais danificada. A folha mais íntegra pesou 9.60 g, e a mais danificada 8.70 g.

Figura 61 - Pesando as folhas



Fonte: acervo do autor (2019).

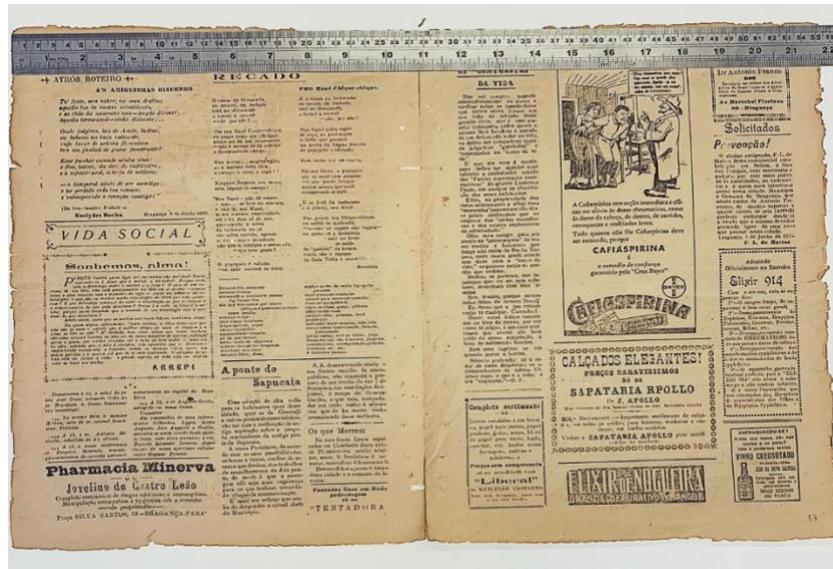
A segunda etapa, foi medir a base e a altura da folha padrão, com uma régua. A medida da base dela é de 55 cm e a da altura 37,5. Essas informações, foram então, utilizadas para calcular a gramatura de acordo com a seguinte fórmula: $G = m/A$.

Figura 62 – Medindo a altura do Jornal com a régua



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 63 - Medindo a largura do jornal com a régua



Fonte: Acervo do autor, (2019).

As medidas da máquina MOP são patronizadas de acordo com o tamanho da máquina, de modo que a medida não altera de uma restauração para outra. Para se adequar a necessidade de cada material são utilizadas molduras que são escolhidas de acordo com o tamanho do material utilizado. Escolhemos uma moldura, deixando uma margem de segurança. Medimos com uma régua a base e a altura da moldura.

Figura 64 - Jornal na moldura



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Inserimos esses dados em uma tabela no Excel, já pronta, utilizada no laboratório de conservação, que já calcula automaticamente todas as informações necessárias para o andamento do processo.

Figura 65 - Cálculos de gramatura e polpa

Dados para cálculo da gramatura	
Massa das folhas que vão na MOP p/cálculo da gramatura(g)	8,79 g
Medida Base	55,00 cm
Medida Altura	37,50 cm
Área de Folha	0,206250 m ²
GRAMATURA	42,18 g/m ²
Dados para cálculo da quantidade de polpa para uso na MOP	
Base moldura	57,00 cm
Altura moldura	41,00 cm
Área da Moldura	0,233700 m ²
Medidas da MOP sem MOLDURA	
Base	72
Altura	52
Medidas Folha Padrão	
Base	55
Altura	37,5
Peso do papel p/ preencher a máscara	0,85 g
Peso da(s) folha(s) que será(ão) colocada(s) na máscara	8,79 g
Peso do papel p/ preencher as espaços da máscara por litro de água	1,16 g
Volume por operação	0,87 g
Valor Total	0,87 g

Fonte: Planilha elaborada pelo arquivo nacional (2019).

Assim, obtivemos a quantidade de polpa necessária, para preencher a moldura escolhida da MOP em apenas uma folha de jornal. O valor da gramatura foi de 1,16 G, pesado e confirmado na balança de precisão.

Figura 66 - Balança de precisão.



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Para fazer a polpa, batemos no liquidificador industrial 1,16 g de polpa e de papel diluído, em 1L de água.

Figura 67 - Liquidificador usado para fazer a polpa



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Em seguida, fomos para a etapa de preparação da MOP, orientados pelo Manual do setor de Conservação e restauração da Biblioteca Central – BCE da Universidade de Brasília - UNB:

- 1) Lavamos a MOP;

Figura 68 - Lavagem da MOP



Fonte: acervo do autor (2019).

- 2) Colocamos a tela de monil na área útil da MOP e a hidratamos;
- 3) Colocamos a moldura;
- 4) Colocamos a folha de jornal entrefolhada com as telas de nylon;

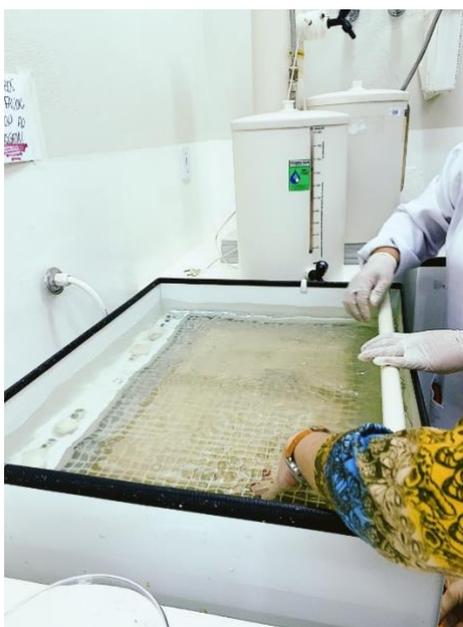
Figura 69 - Jornal introduzido na MOP



Fonte: Acervo do autor, (2019).

- 5) Abaixamos a grade e a seguramos até que a água subisse;

Figura 70 - Imagem da grade da MOP sendo segurada



Fonte: Acervo do autor, (2019).

- 6) Ligamos a MOP;
- 7) Abrimos os dois registros;
- 8) Após a água subir despejamos a polpa batida;

Figura 71 - Polpa batida despejada na MOP



Fonte: Acervo do autor, (2019).

- 9) Fechamos os dois registros;
- 10) Abrimos a tela/máquina e esperamos a água descer completamente;

Figura 72 - MOP aberta



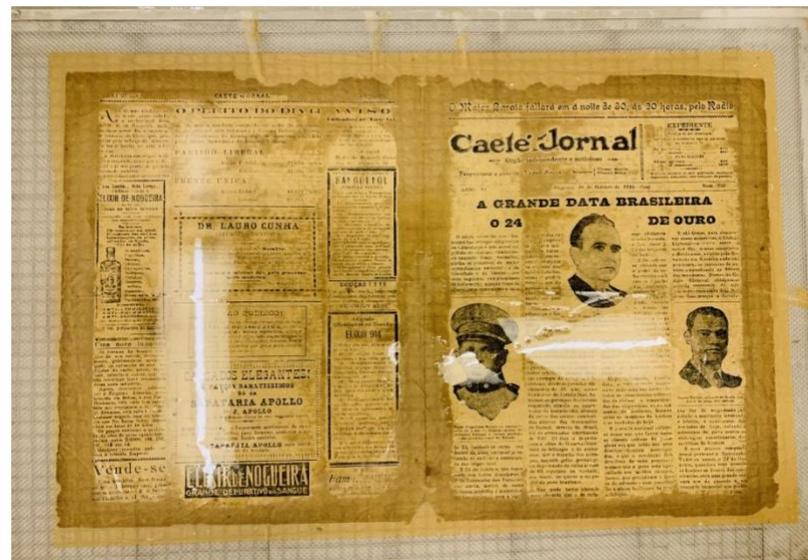
Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 73 - Jornal observado dentro da MOP



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 74 - Jornal na MOP



Fonte: Acervo do autor, (2019).

11) Retiramos a moldura.

Após todo procedimento realizado na MOP, retiramos as telas de monil dos jornais e o colocamos em cima de um tampo de madeira, juntamente com uma mataborrão, para absorver a água restante no papel, ajudando no processo de secagem.

Figura 75 - Processo de secagem do papel



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Para devolver a cola para o papel, fizemos o processo de encolagem com cola metil. Para a preparação da cola metil, utilizamos metil celulose em pó + água deionizada, para hidratar e deixamos descansar.

Figura 76 - Preparação da cola metil



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Passamos a cola em toda folha do jornal, somente em um lado da folha. O sentido do pincel para espalhar a cola deve ser sempre do centro para as laterais.

Figura 77 - Forma correta de se passar a cola metil



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 78 - Jornal após processo de encolagem



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 79 – Jornal após processo de encolagem (2)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Após o processo de encolagem, cobrimos o jornal com um crepe de nylon, intercalamos com outro mata-borrão e um tampo de madeira. Então, levamos o jornal a prensa, para que o mata-borrão sugasse a água e deixasse o papel mais assentado. Deixamos o jornal na prensa por cerca de 1h. Após esse tempo trocamos os mata-borrões por outros secos, e deixamos novamente as folhas na prensa até o dia seguinte.

Figura 80 - Prensa



Fonte: Acervo do autor, (2019).

No dia seguinte, os jornais já estavam completamente secos. A folha de nylon, pela grande pressão da prensa, acabou ficando muito colada ao jornal. Sendo assim, a retiramos com muito cuidado. Para nos auxiliar nesse processo de descolagem, utilizamos uma espátula de madeira.

Figura 81 – Processo de descolagem



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Após a reintegração na MOP, chegamos ao processo de refilamento da folha de jornal. Colocamos o jornal em cima de uma base de corte e com a ajuda de uma régua fomos retirando o excesso de papel da margem reserva, que deixamos de acordo com a moldura, que foi utilizada na MOP, de forma a deixar o jornal do tamanho mais próximo da versão original.

Figura 82 - Jornal antes do refilamento



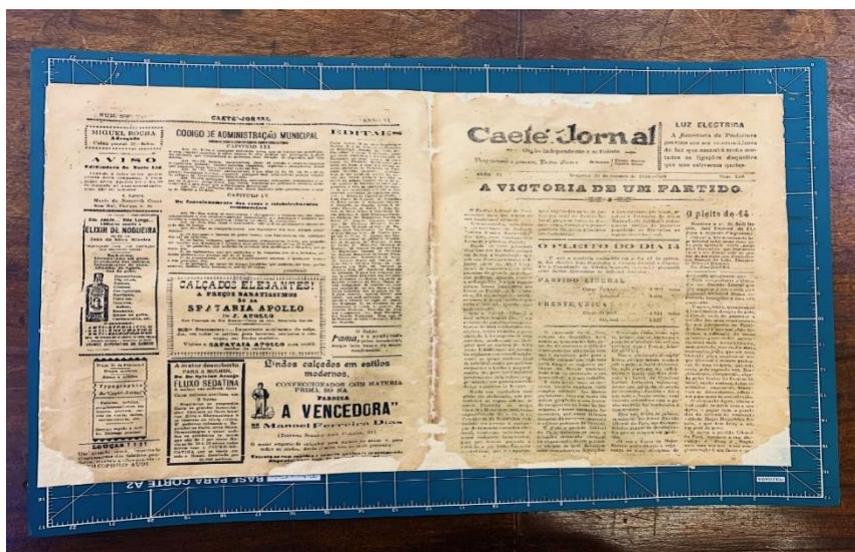
Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 83 – Refilamento do Jornal



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 84 - Jornal após o refilamento



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Segundo orientação da “Carta de Veneza” do ano de 1964, a restauração de documentos pode ser feita, mas recomenda-se que o resultado da restauração seja visível para que não se perca a história/trajetória do bem cultural.

Mediante o refilamento, o jornal ficou pronto para ser devidamente acondicionado. De acordo com as nossas limitações optamos por três alternativas de acondicionamento. Guarda dos exemplares do jornal entre foliados com papel alcalino em uma pasta polionda, encapsulamento da folha de jornal utilizando o filme poliéster Mylar, e criação de uma pasta de papel alcalino com 3 dobras onde o jornal foi acondicionado e entre foliado com o papel Glassine.

Para acondicionar os jornais, por conta do seu tamanho, optamos por dobrá-los. Como a lombada está muito frágil, antes de dobrarmos o jornal optamos por fazer o reforço dela com papel japonês e cola metil. Para o secamento mais rápido utilizamos a espátula térmica.

Figura 85 – Reforços com papel japonês e cola metil



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 86 – Secagem do papel japonês com espátula térmica



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Após o reforço feito na lombada colocamos em prática nossa primeira proposta de acondicionamento, a guarda dos exemplares do jornal entre foliados com papel alcalino em uma “pasta polionda” feita de polipropileno impermeável de tamanho A3 com medidas: 350x505x30mm.

Figura 87 - Pasta Polionda



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Nossa segunda proposta de guarda foi o encapsulamento da folha de jornal utilizando o filme poliéster Mylar. Medimos cuidadosamente o tamanho do Mylar, utilizando régua e tabua de corte, que seria necessário para cobrir a folha do jornal tanto aberta, quando dobrada, de maneira que quando alguém for manusear o jornal não precise ter contato direto com o papel do jornal.

Figura 88 – Jornal encapsulado no poliéster (parte 1)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 89 - Jornal encapsulado no poliéster (parte 2)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

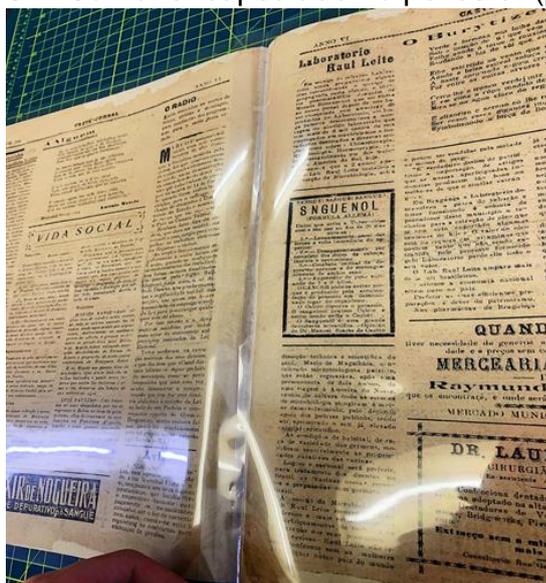
Figura 90 - Jornal encapsulado no poliéster (parte 3)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

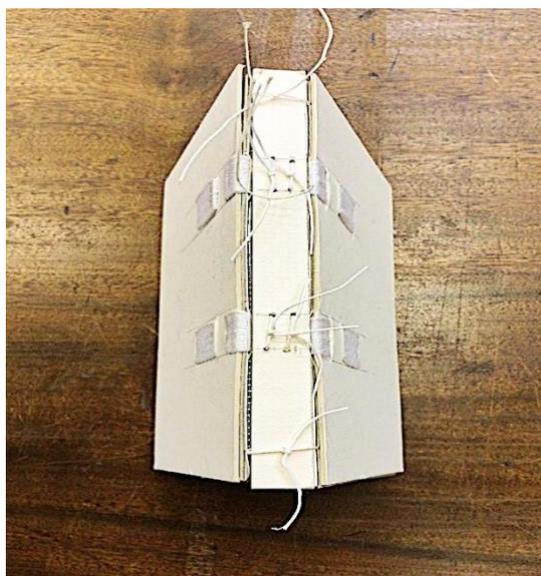
Deixamos uma sobra de Mylar na lombada para que futuramente ocorra a encadernação de todas as edições do jornal mediante a costura delas como no exemplo a seguir:

Figura 91 - Jornal encapsulado no poliéster (parte 4)



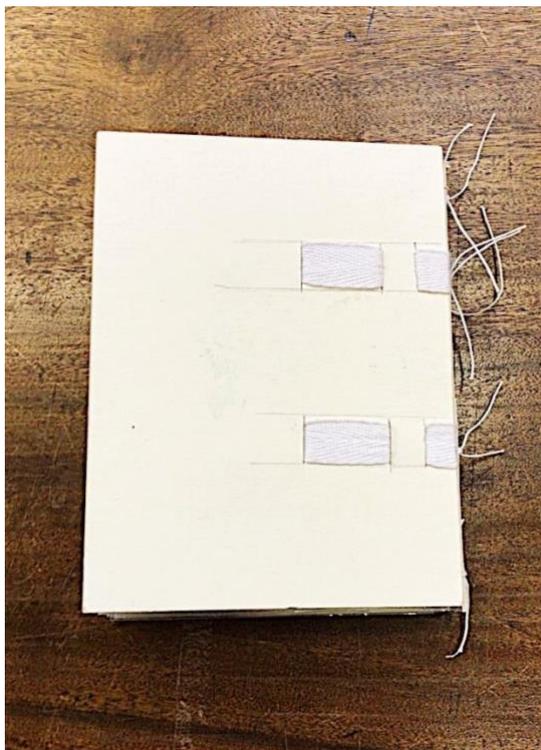
Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 92 – Protótipo de encadernação por costura criado pelo LACON



Fonte: Biblioteca Central Estudantil – BCE (2019).

Figura 93 – Protótipo de encadernação por costura criado pelo LACON (visão lateral)



Fonte: Biblioteca Central Estudantil – BCE (2019).

Figura 14 – Protótipo de encadernação por costura criado pelo LACON (visão frontal)



Fonte: Biblioteca Central Estudantil – BCE (2019).

Utilizamos uma espátula de teflon para dobrar e vincar o poliéster. E, por fim, vedamos as folhas de Mylar com fita dupla face livre de ácido, e sem tocar no jornal, para que o ar não entre em contato com a folha do jornal.

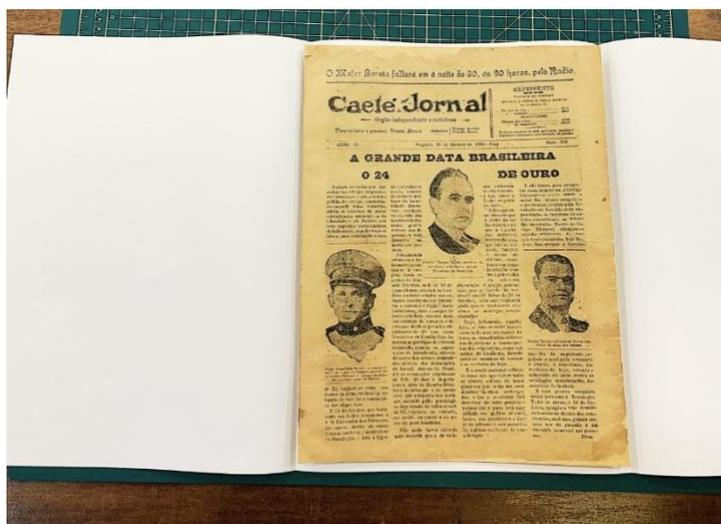
Figura 95 - Espátula



Fonte: Acervo do autor, (2019).

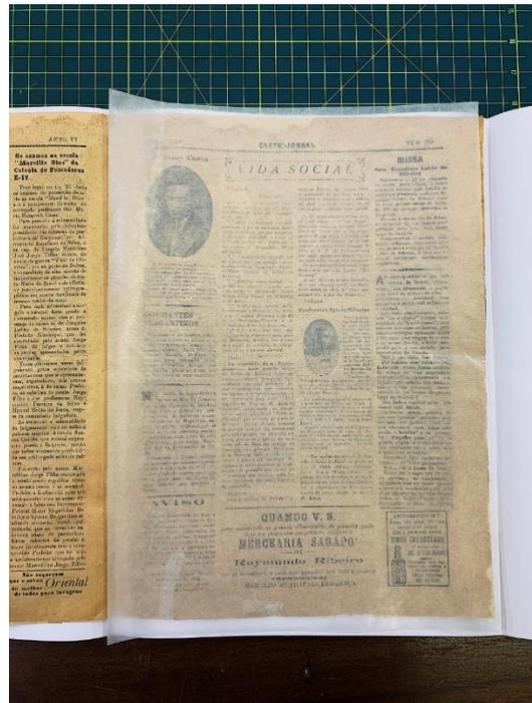
Por último, nossa terceira proposta de acondicionamento foi a criação de uma pasta com 3 dobras utilizando papel alcalino e folhas de papel Glassine para interfoliar as folhas de jornal.

Figura 96 - Pasta de papel alcalino com três dobras (parte 1)



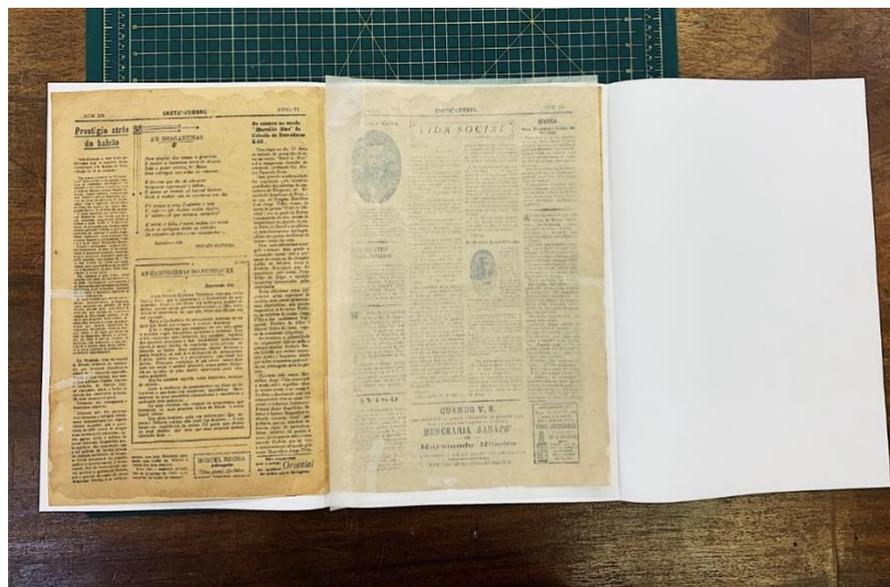
Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 97 - Pasta de papel alcalino com três dobras (parte 2)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

Figura 98 - Pasta de papel alcalino com três dobras (parte 3)



Fonte: Acervo do autor, (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal é um meio de comunicação extremamente rico em detalhes, pois lhe dá uma visão abrangente e atualizada do que acontece ao nosso redor e no mundo. Sendo assim, com essa visão e importância, foi realizado, neste trabalho, o estudo do *Jornal do Caeté*, tradicional meio de comunicação da cidade de Bragança, cidade localizada no estado do Pará.

O *Caeté Jornal*, foi chamado assim nos períodos de 15 de agosto de 1929, até 31 de dezembro de 1935. Ademais, mudou sua nomenclatura para *Jornal do Caeté*, no dia 18 de maio de 1946. E assim se pendurou até 12 de março de 1983. O seu nome é uma homenagem ao Rio Caeté, localizado na cidade de Bragança. O *Jornal do Caeté* era independente e o mais tradicional do interior do Pará.

Foi considerado o jornal que mais durou na imprensa de Bragança/ Pará, com circulação de pelo menos mais de 30 anos, sendo em sua primeira fase, datando os seis primeiros anos e depois a segunda fase, por trinta e sete anos ininterruptos.

Na presente monografia, o primeiro capítulo abordou sobre a história do jornal, da imprensa brasileira, sobre a importância de ser uma fonte de pesquisa e de

memória coletiva. Depois dessa parte introdutória foi explicado sobre as fases do *Jornal do Caeté*. A primeira fase, década de 50, levantamos alguns pontos sobre a economia da época e sobre o apogeu da imprensa. Na segunda fase abordamos sobre a mudança do nome do jornal, a importância e o impacto social que ele causou na sociedade bragantina.

O segundo e conclusivo capítulo abordou as trajetórias da coleção do *Jornal do Caeté*. Além disso, foi estudado sobre as definições de papel, a composição, preservação, conservação, restauração, os agentes internos e externos, físicos, químicos, físico-mecânico e biológico. Chegamos por fim, no diagnóstico da preservação e conservação em direção a aplicação de técnicas para o restauro do jornal, trazendo propostas de acondicionamento, além da descrição do processo.

Em suma, para os devidos procedimentos de conservação, após os estudos em laboratório, chegou-se numa conclusão sobre a melhor forma de cuidar e proteger os exemplares desse antigo jornal. O mais indicado sempre é optar por uma conservação preventiva, porém, como o jornal nunca passou por nenhum processo correto de conservação e acondicionamento, e, observando sua fragilidade, o ideal a ser feito foi o processo de restauração no laboratório. A próxima etapa, imprescindível e indicada após todo o processo feito em laboratório, seria a digitalização dessa coleção. Pois, como já tratamos anteriormente, o jornal não é feito de um material para durar; é inevitável a sua degradação. O que podemos fazer é somente prolongar a sua existência. Dessa forma, mesmo após todo o processo realizado em laboratório e com o acondicionamento correto, o jornal ainda continua sendo um suporte muito frágil e sua disponibilização a usuários para consulta acabaria colocando em risco a integridade física do material. Dessa forma, se quisermos no futuro disponibilizar para acesso, a forma mais adequada seria a digitalização para, assim, a memória do jornal permanecer e se disseminar amplamente.

Além da historicidade do *Jornal do Caeté* para a cidade de Bragança/Pará e o cuidado para ser feito a restauração, fica a importância da pesquisa para a família Medeiros, que resgatou a sua memória afetiva, sobre a história de seus parentes. Ainda, a importância também, no meio acadêmico, para pesquisas futuras de graduações e pós-graduações. Por fim, o acervo será doado para a universidade da cidade de Bragança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACERVO DO AUTOR. **Protótipo de encadernação por costura criado pelo LACON**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 92.

ACERVO DO AUTOR. **Protótipo de encadernação por costura criado pelo LACON. (visão lateral)**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 93.

ACERVO DO AUTOR. **Balança de precisão**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 66.

ACERVO DO AUTOR. **Banho com a folha teste**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 55.

ACERVO DO AUTOR. **Cálculos de gramatura e polpa**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 64.

ACERVO DO AUTOR. **Refilamento do Jornal**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 83.

ACERVO DO AUTOR. **Danos por acidez (parte 1)**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 44.

ACERVO DO AUTOR. **Danos por acidez (parte 2)**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 45.

ACERVO DO AUTOR. **Análise da fita indicadora de pH**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 52.

ACERVO DO AUTOR. **Etapas do banho do Jornal (parte 1)**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 49.

ACERVO DO AUTOR. **Etapas do banho do Jornal (parte 2)**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 50.

ACERVO DO AUTOR. **Escolhendo o papel adequado para o preparo da polpa**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 60.

ACERVO DO AUTOR. **Encadernação antiga (parte 1)**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 40.

ACERVO DO AUTOR. **Encadernação antiga (parte 2)** . LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 41.

ACERVO DO AUTOR. **Protótipo de encadernação por costura criado pela LACON (Visão frontal)**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 94.

ACERVO DO AUTOR. **Encontrado excremento de insetos (parte 1)** . LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 38.

ACERVO DO AUTOR. **Encontrado excremento de insetos (parte 2)** . LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 39.

ACERVO DO AUTOR. **Espatula de teflon**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 95.

ACERVO DO AUTOR. **Reforços com papel japonês e cola metil** . LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 85.

ACERVO DO AUTOR. **Folhas emersas**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 55

ACERVO DO AUTOR. **Folhas do jornal em folhas de nylon**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 57.

ACERVO DO AUTOR. **Folha na entretela de nylon**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 56.

ACERVO DO AUTOR. **Forma correta de se passar a cola metil**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 76.

ACERVO DO AUTOR. **Jornal antes do refilamento**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 81.

ACERVO DO AUTOR. **Jornal após o refilamento**. LACON – Laboratório 114
prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 83

ACERVO DO AUTOR. **Jornal com a cola metil**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 77.

ACERVO DO AUTOR. **Jornal introduzido na MOP.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 68.

ACERVO DO AUTOR. **Jornal na moldura.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 63.

ACERVO DO AUTOR. **MOP aberta.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 73.

ACERVO DO AUTOR. **Jornal observado dentro da MOP.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 72.

ACERVO DO AUTOR. **Jornal encapsulado poliéster (parte 1).** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 88.

ACERVO DO AUTOR. **Jornal encapsulado no poliéster (parte 2).** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 89.

ACERVO DO AUTOR. **Jornal encapsulado no poliéster (parte 3).** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 90.

ACERVO DO AUTOR. **Imagem da grade da MOP sendo segurada.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 69

ACERVO DO AUTOR. **Lavagem da MOP.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 68.

ACERVO DO AUTOR. **Liquidificador usado para fazer a polpa.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 66.

ACERVO DO AUTOR. **Manchas de umidade (parte 1)** . LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 42.

ACERVO DO AUTOR. **Manchas de umidade (parte 2)** . LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 42. 115

ACERVO DO AUTOR. **Medindo a altura do Jornal com a régua.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 61.

ACERVO DO AUTOR. **Medindo a largura do Jornal com a régua.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 62.

ACERVO DO AUTOR. **MOP aberto.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 71.

ACERVO DO AUTOR. **Entrefolhamento do jornal com nylon.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 52.

ACERVO DO AUTOR. **Entrefolhamento do jornal com nylon.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 53.

ACERVO DO AUTOR . **O uso inadequado da cola.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 37.

ACERVO DO AUTOR. **Jornal após processo de encolagem.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 78.

ACERVO DO AUTOR. **Pasta Polionda.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 87.

ACERVO DO AUTOR. **Pasta de papel alcalino com três dobras(parte 1).** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 96.

ACERVO DO AUTOR. **Pasta de papel alcalino com três dobras (parte 2).** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 97.

ACERVO DO AUTOR. **Pasta de papel alcalino com três dobras (parte 3).** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 98.

ACERVO DO AUTOR. **Pesando as folhas.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 60.

116

ACERVO DO AUTOR. **pH final da água.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 58.

ACERVO DO AUTOR. **Plastificação.** LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 94.

ACERVO DO AUTOR. **Polpa batida despejada no MOP.** LACON – Laboratório de

prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 71.

ACERVO DO AUTOR. **Prensa**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 79.

ACERVO DO AUTOR. **Preparação da cola metil**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 75.

ACERVO DO AUTOR. **Primeira etapa do processo**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 32.

ACERVO DO AUTOR. **Primeiro teste químico**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 48.

ACERVO DO AUTOR. **Medindo o pH da água com a fita medidora de pH**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 46.

ACERVO DO AUTOR. **Medindo o pH da água com a fita medidora de pH**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 47.

ACERVO DO AUTOR. **Processo de descolagem**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 80.

ACERVO DO AUTOR. **Processo de secagem do papel**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 74.

ACERVO DO AUTOR. **Secagem do papel com espatula térmica**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 86.

ACERVO DO AUTOR. **Segunda etapa do processo**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 33.

117

ACERVO DO AUTOR. **Segunda etapa do processo (parte 1)**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 34.

ACERVO DO AUTOR. **Segunda etapa do processo (parte 2)**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 35.

ACERVO DO AUTOR. **Segunda etapa do processo (parte 3)**. LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 36.

ACERVO DO AUTOR. **Segundo teste químico** . LACON – Laboratório de prevenção, conservação e restauração. Distrito Federal, 2019. Figura 48.

ALBERT, P.; TERROU, F. **A história dos jornais e o nascimento das gazetas**. In: ALBERT, P.; TERROU, F. **História da imprensa**. França: Martins Fontes, 1990. p. 3-12.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. **Joaquim Lobão da Silveira**. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1975. Figura 6.

ARAÚJO, Elton Augusto Silva de. **A Construção da bragantinidade na obra de Jorge Ramos, Bragança, século XX**. p.37. Dissertação (Graduação em História), Universidade Federal do Pará Campus Universitário de Bragança, Pará, 2016.

ARRUDA, Susana Margaret de; CHAGAS, Joseane. **Glossário de Biblioteconomia e Ciências Afins**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

BARROS, Cindhi Vieira Belafonte. **O Jornalismo no século XXI: estudo de caso do Jornal do Brasil**. Dissertação (Graduação em Comunicação Social: habilitação em jornalismo) Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2013.

BATISTA, Marili Araújo Silva. **O Jornal das moças em Caicó no ano de 1926: o conteúdo das cartas e o culto à intelectualidade**. p.59. Dissertação(Graudução em Pedagogia). Departamento de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte Campus Universitário de Caicó, Rio Grande do Norte, 2015.

BEVILACQUA, Cleci; BOJANOSKI, Silvana de Fátima; MICHELON, Francisca Ferreira. **Os termos preservação, restauração, conservação e conservação preventiva de bens culturais: uma abordagem terminológica**. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/viewFile/cld.2017.153.04/6329>. Acesso em: 04 Mar. de 2020.

BEZERRA, Emanuelle. **O primeiro jornal impresso no Brasil**. Opinião & Notícia. Disponível em: <http://opinioenoticia.com.br/cultura/o-primeiro-jornal-impresso-no-brasil/>. Acesso em: 28 Set. de 2019.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CASSARES, Norma Cianflone. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. Colaboração de Cláudia Moi. São Paulo: Arquivo do Estado/ imprensa oficial,2000.

COSTA, M. F. **Noções básicas de conservação preventiva de documentos**. Rio

de Janeiro, FIOCRUZ, 2003, p. 1-14.

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/normas_conservacao_fio_cruz_1358966008.pdf. Acesso em: 09 Nov. 2019.

COUTINHO, Emilio. **Qual foi o primeiro jornal impresso no Brasil?**. Casa dos Focas. Disponível em: <http://www.casadosfocas.com.br/qual-foi-o-primeiro-jornal-impresso-no-brasil/>. Acesso em: 28 de Set. de 2019.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Acervo pessoal da família Medeiros**. Pará, 1929-1978.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **América Ramos Lobão da Silveira**. Edição nº 1649. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1978. Figura 9.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Carta de Juscelino Kubitschek de Oliveira a Joaquim Lobão da Silveira. Parabenizando o Jornal Caeté**. Acervo pessoa da família Medeiros. Pará, 1963. Figura 32.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Certificado de Matrícula do "Jornal do Caeté"**. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará. [19-]. Figura 2.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Diploma do Amigo da Educação concedido ao Jornal do Caeté**. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1982. Figura 29.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Filenilo Ramos**. Edição. nº 1536. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1976 . Figura 3.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Formatação do Jornal Caeté**. Acervo pessoal família Medeiros. Pará, 1982. Figura 14.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Diploma de Honra ao mérito concedido ao Jornal do Caeté**. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1976. Figura 28. 119

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ . **Jorge Daniel de Sousa Ramos**. Edição nº 1536. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1976. Figura 8.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ . **Jornal do Caeté - Ano I**. Edição nº 1536. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1976. Figura 6.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Maquinário utilizado para impressão do Jornal do Caeté**. Edição nº 1536. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1976. Figura 12.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Notícia do Jornal do Caeté.** edição nº 1638. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1978. Figura 23.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Notícia do Jornal do Caeté.** edição nº 1638. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1978. Figura 24.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Notícia do Jornal do Caeté.** edição nº 1682. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1979. Figura 25.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Notícia do Jornal do Caeté.** edição nº1649 . Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1978. Figura 26.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Notícia Jornal de Caeté.** Edição Nº 1.699. acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1979. Figura 27.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Página do anúncio do exemplar do Caeté Jornal.** Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1934. Figura 15.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Página de anúncios do exemplar do Jornal Caeté.** Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1979. Figura 16.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Página de anúncios do exemplar do Jornal do Caeté.** Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1979. Figura 17.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Página de anúncios do exemplar do Jornal do Caeté.** Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1979. Figura 18.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Página de anúncios do exemplar do Caeté Jornal.** Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1937. Figura 19.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Página de anúncios do exemplar do Jornal do Caeté.** Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1937. Figura 20. 120

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Página de anúncios do exemplar do Jornal do Caeté.** Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1979. Figura 21.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Página de anúncios do exemplar do Jornal do Caeté.** Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1979. Figura 21.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Página do exemplar do Jornal do Caeté.** Edição Nº 1.638 . Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1978. Figura 26.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Página do exemplar do Jornal do Caeté. Edição de comemoração aos 30 anos do Jornal.** Edição Nº 1.536 Acervo pessoal da família

Medeiros. Pará, 1976. Figura 29.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Primeira Edição do Jornal do Caeté**. Edição nº1. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1946. Figura 4.

COLEÇÃO JORNAL DO CAETÉ. **Tabela de vendas "Caeté Jornal"**. Edição nº 143. Acervo pessoal da família Medeiros. Pará, 1938. Figura 12.

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e Vida Urbana 1890/1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

GUIA DE CARREIRA. **A história dos jornais e as origens do jornalismo**. Guia da carreira. Disponível em: <https://www.guiadacarreira.com.br/profissao/jornais-jornalismo/>. Acesso em: 28 Set. de 2019.

JORNALISTA. **História do Jornal**. Jornalista. Disponível em: <http://www.jornalista.com.br/historia-do-jornal.html>. Acesso em 28 Set. de 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HEITLINGER, Paulo. **A primeira imprensa no Brasil**. Disponível em: <http://tipografos.net/historia/imprensa-no-brasil.html>. Acesso em: 29 Nov. 2019.

ICON – CC. **Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage**. (Tradução). Disponível em: <http://www.icom-cc.org/242/about/terminology-for-conservation/#.XmAarSFKjIW>. Acesso em: 04 Mar. de 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas : Unicamp,1990.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio de periódicos**. In: PINHEIRO, Carla Bassanesi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008. 121

LUZ, Elielma Aviz da. **Soberana boemia: o bar soberano, memória e cultura de Bragança (PA), entre 1950 e 1959**. p.94. Dissertação (Graduação em História). Universidade Federal do Pará Campus Universitário de Bragança. Pará, 2016.

MONTEIRO, Silvana Drummond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. **A ciência da informação, memória e esquecimento**. Revista Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.9, n.6, 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7639>. Acesso em: 04 Nov. 2019

WIKIPÉDIA. **Mapa do Município de Bragança – PA**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bragan%C3%A7a_\(Par%C3%A1\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bragan%C3%A7a_(Par%C3%A1)). Acesso em: 04 Mar. de 2020.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**, In: Projeto História. São Paulo: PUC, nº 10, PP. 07-28,1993.

RAMOS, Jorge Daniel de Souza. **Toda Poesia de Jorge Ramos**. (org.) de Celso Luiz Ramos de Medeiros. Brasília: C.L.R. de Medeiros, 2010.

RAMOS, Jorge Daniel de Souza. **Capa do livro "Toda Poesia", de Jorge Ramos**. (Org.) Celso Luiz Ramos de Medeiros. Brasília: C.L.R. , 2010. Figura 8.

REVISTA PZZ. **Estrada de ferro, Bragança – PA**. Disponível em: www.revistapzz.com.br. Pará, 2015. Figura 3.

RODRIGUES, Dário Benedito. **Ao apito do trem: uma história da extinta Estrada de Ferro de Bragança**. In: SARQUIS. Giovanni Blanco. (org.). Estrada de Ferro de Bragança: memória social e patrimônio cultural. Belém: IPHAN-PA, 2017.

RIOUX, Jean Pierre. **Entre história e jornalismo**. In: CHAUVEAU, Agnès; TÊTARD, Philippe. Questões para a história do presente. Baurú: EDUSC, 1999.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SILVA, Antonia Camila Costa. **A criação da bragantidade por Jorge Ramos, década de 50**. p.62. Dissertação (Graduação em História). Universidade Federal do Pará Campus Universitário de Bragança, Pará, 2018.

122

SILVA, F. J. T. **Ciência e Tecnologia na Preservação da Informação: Um desafio político**. Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-70, 2004.

SOSA, Derocina Alves Campos. **A história política do Brasil (1930-1934) sob a ótica da imprensa gaúcha**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

SPINELLI, Jayme; BRANDÃO, Emiliana; FRANÇA, Camila. **Manual técnico de preservação e conservação: documentos extrajudiciais**. [Rio de Janeiro]: Fundação Biblioteca Nacional, 2011. Disponível em: <http://folivm.files.wordpress.com/2011/04/manual-an-bn-cnj-2011-c3baltima-versc3a3o-2p-folha.pdf>. Acesso em: 09 Nov. 2019.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa: algumas considerações**

metodológicas. Revista História e Historiografia. São Paulo, n. 4, p. 89-102, 1985.

ANEXOS

**ANEXO A – TERMO DE DOAÇÃO DOS EXEMPLARES DO JORNAL DO
CAETÉ/ BRAGANÇA/PARÁ**

TERMO DE DOAÇÃO

Eu, **MÁRCIA BENEDITA ATHAYDE CAVALCANTE**, brasileira, solteira, CPF n.º 430.766.452-34, residente e domiciliada na localidade do Engenho, Bragança (PA), faço a entrega por doação dos itens abaixo relacionados, para composição e integração de acervo de pesquisa e consulta, sob a responsabilidade de **DÁRIO BENEDITO RODRIGUES NONATO DA SILVA**, historiador e docente da Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança.

No entanto, fico ciente de que após a entrega, os itens doados serão avaliados segundo os critérios de desenvolvimento de coleções e composição de acervo.

Por ser verdade, dato e assino o presente termo.

Bragança (PA), 06 de Outubro de 2018.

Márcia Benedita de Athayde Cavalcante
Doadora

Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva
Donatário

RELAÇÃO DOS ITENS DOADOS

Item: Jornal do Caeté, Bragança (PA)

Livros: 21 exemplares

Períodos:

- a) Anos 1946 – 1948
- b) Anos 1948 – 1955
- c) Anos 1951 – 1952
- d) Anos 1962 – 1963
- e) Anos 1963 – 1965
- f) Anos 1964 – 1967
- g) Anos 1968 – 1969
- h) Anos 1970 – 1971
- i) Anos 1972 – 1973
- j) Anos 1974 – 1975
- k) Anos 1976 – 1978
- l) Anos 1976 – 1979
- m) Anos 1980 – 1982
- n) Anos 1981 – 1982